This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

**Usage guidelines**

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

**About Google Book Search**

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

**Diretrizes de uso**

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

**Sobre a Pesquisa de Livros do Google**

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

MISSOES E MISSIONARIOS PORTUGUEZES... - BOAVIDA
BV3625 A6B6

# MISSÕES E MISSIONARIOS PORTUGUEZES

COMMUNICAÇÃO Á

# IEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA

STANFORD UNIVERSITY
STACKS
AUG 26 1978
LIBRARY

EM

SESSÃO DE 17 DE ABRIL DE 1893

## DEFEZA E DESAGGRAVO PATRIOTICO DOS NOSSOS ALTARES E DOS NOSSOS LARES

RESPOSTA AO RELATORIO SOBRE AS MISSÕES DE ANGOLA

POR

**ANTONIO JOSÉ BOAVIDA**

SOCIO EFFECTIVO DA MESMA SOCIEDADE E SUPERIOR DAS MISSÕES DO REAL PADROADO PORTUGUEZ

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1893

# MISSÕES E MISSIONARIOS PORTUGUEZES

Extrahido das Actas das sessões de 1893 da Sociedade de Geographia de Lisbo

# MISSÕES E MISSIONARIOS PORTUGUEZES

COMMUNICAÇÃO Á

# )CIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA

EM

SESSÃO DE 17 DE ABRIL DE 1893

EM DEFEZA E DESAGGRAVO PATRIOTICO DOS NOSSOS ALTARES E DOS NOSSOS LARES

RESPOSTA AO RELATORIO SOBRE AS MISSÕES DE ANGOLA

POR

**ANTONIO JOSÉ BOAVIDA**

SOCIO EFFECTIVO DA MESMA SOCIEDADE E SUPERIOR DAS MISSÕES
DO REAL PADROADO PORTUGUEZ

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1893

BV3625
A6
36

# PRO ARIS ET FOCIS

«O amor da patria é para as nações o que o amor da vida é para o homem.»

*Lamartine.*

«Amica patria, amicus Cato, magis amica veritas.»

«Amo a minha patria, amo os meus amigos, mas amo ainda mais a verdade.»

*Cicero.*

«Salutem ex inimicis nostris.»

«Da lição da adversidade tiremos motivos de salvação».

*Cant. Zach.* (Luc. I.)

Sr. presidente. — O relatorio, proposto hoje á discussão, refere-se com muito desfavor, senão com grave injustiça, aos missionarios portuguezes, nomeadamente aos educados no collegio de Sernache do Bom Jardim.

Deprimem-se os seus merecimentos, amesquinha-se a sua competencia, sendo a prova (?) que se invoca, «nada communicarem á nossa Sociedade de Geographia», á parte uma excepção, que se diz «singular», que o não é, como demonstrarei, excepção, em todo o caso, muito honrosa, e que se refere ao ex.$^{mo}$ bispo prelado de Moçambique.

Para contraste, e como confronto, glorificam-se os excelsos «superiores das grandes missões de Africa, que têem vindo aqui apresentar-se para valiosas communicações». (Relatorio, pag. 19).

Esta ultima allusão, ainda que indirecta e acobertada, não póde deixar de mirar a ferir o unico superior das missões do padroado, que as leis reconhecem, e consideram «como chefe de todos os missionarios portuguezes» (Estat., art. 97.º). Tanto mais assim é, que não viera eu ainda discursar n'esta Sociedade, nem precisava, até hoje, vir inculcar, que sou portuguez legitimo e leal, que em questões de

civismo não cedo a palma a esses patriotas de convenção, nem estou resolvido a servir-lhes de pedestal.

Vim, pois, e aqui estou, em homenagem á Sociedade de Geographia, que muito prezo, e virei todas as vezes que ella assim o entenda conveniente, com quanto sinta, — com funda mágua o digo, — que o relatorio não me fosse dirigido, desde logo, com a necessaria antecipação; pois vim aqui reclamal-o na mesma noite, em que deveria principiar a discussão d'elle.

Não desejando, porém, incorrer em censuras, nem merecer labeus, aliás descabidos, venho hoje fazer uma communicação, muito modesta e despretenciosa, convencido de que serei arguido por fazel-a, como fôra arguido por deixar de fazer outras.

Desejo que seja publicada, como o fôra o relatorio, se a assembléa assim o resolver e julgar acertado e opportuno.

Pela mesma fórma requeiro que seja publicado conjunctamente o protesto, que hoje recebi, do pessoal dirigente e docente do collegio de Sernache do Bom Jardim, e a que me associo, para seu justo desaggravo d'elles e dos missionarios portuguezes educados n'esse instituto scientifico e patriotico.

Envio para a mesa um additamento á conclusão 4.ª da proposta. Esta conclusão diz o seguinte:

«Que se recommende ao governo o estabelecimento das missões conforme o plano adoptado no relatorio, começando-se, o mais breve possivel, pelas regiões mais ameaçadas pela «invasão estrangeira», e que são as linhas estrategicas de Caconda ao Barotze, da fronteira sul, entre o Humbe e o Mucusso e do norte entre o Cuango e o Cassai.»

O meu additamento a esta conclusão cifra-se no seguinte:

«Cumpre, porém, ponderar como condição impreterivel a conveniencia e necessidade de contrapor a essa absorvente e deprimente invasão estrangeira o elemento e pessoal genuina e essencialmente portuguez.»

Antes de terminar as minhas considerações, apresentarei tambem opportunamente uma moção de ordem, que deverá ser votada como questão previa, e, se for approvada pela assembléa, declaro desde já que não terei duvida em acceitar e votar as denominadas conclusões finaes.

Eis a minha communicação:

*
* *

Senhores. — Illustres consocios e compatriotas. — Permitti que eu erga a minha voz humilde, mas sincera e convicta, mas leal e portu-

gueza, n'este augusto recinto, perante esta numerosa e respeitavel assembléa, em que me parece sentir os fremitos da alma portugueza, as vibrações do coração da nossa desditosa, mas estremecida patria!

Permitti que use d'este direito indeclinavel, ou antes obtempere a este sacratissimo dever, não só na qualidade de socio d'esta benemerita associação, senão ainda como cidadão portuguez e sobretudo como superior do instituto religioso e patriotico, que me está confiado, e que se pretende remodelar, restringindo-se a sua influencia civilisadora, ou antes annullando-se a sua acção patriotica e nacional, como hei de demonstrar.

Como socio, pois, d'esta illustrada Sociedade, a que me honro de pertencer ha annos, — porque estou convencido de que sabe alliar aos seus intuitos e commettimentos civilisadores a alta comprehensão dos deveres patrioticos, — eu invoco e espero a sua valiosa coadjuvação e efficaz auxilio em prol das missões e dos missionarios verdadeiramente portuguezes, que, apesar do seu zêlo, são tratados, no relatorio que hoje se discute, com desfavor immerecido, com flagrante injustiça, senão com a mais revoltante ingratidão.

Felizmente, as respectivas commissões, usando de um prudente e avisado criterio, recusaram-se a entrar n'essas particularidades, que declinaram para as estações officiaes, e modificaram algumas conclusões e eliminaram outras, menos convenientes, appensas ao relatorio, e que chegaram a ser publicadas na imprensa periodica de Lisboa.

É um presagio feliz. O resto será feito pela assembléa geral, como espero, porque é constituida por verdadeiros portuguezes.

Eu, senhores, ufano-me de ser tambem cidadão portuguez (como S. Paulo se ufanava de ser cidadão romano). Por isso, e porque não me soffre o animo que, sob qualquer pretexto ou disfarce, embora transparente, se acalente a invasão estrangeira e se attente contra a integridade nacional, envidarei todos os esforços humanamente possiveis, empenharei todas as minhas faculdades na justa defensão dos direitos de soberania e influencia, que ainda exercemos nos nossos dominios de alem-mar.

Pois havemos de renunciar voluntariamente a esses direitos inauferiveis?!

Havemos de transcurar conscientemente o dever religioso e patriotico, que nos obriga a empenhar a nossa acção e recursos vitaes na obra civilisadora da regeneração moral, economica e politica das nossas vastas e cubiçadas possessões coloniaes?!

Havemos de assumir a gravissima responsabilidade de favorecermos de moto proprio, e fomentarmos perigosamente a invasão estrangeira, que já nos assoberba?!

Havemos de confiar o nosso patrimonio tradicional á funesta tutela, á salvaguarda desleal de estranhos, que tantas calamidades, tantas extorsões, tantos vexames nos têem já infligido?!

Basta de desenganos! Basta de imprudencias!

A lição da experiencia tem sido severa e rude em demasia!

Já que não fomos precavidos no passado, sejamos prudentes e cautelosos no futuro.

A reincidencia seria, mais que desatino, um crime de lesa nacionalidade!

Cumpre-nos, portanto, como portuguezes e como catholicos, — idéas que se associam, que se completam no mesmo credo religioso e patriotico, que se consubstanciam no mesmo codigo divino, — o Evangelho, — cumpre-nos, hoje mais que nunca, não esquecer este sublime pensamento de philosophia christã, que o eloquentissimo Agostinho de Montefeltro, frade franciscano e italiano, proferia, ainda não ha muito, do alto da cadeira evangelica, na capital do mundo catholico: «Deus é a alma da patria, e não póde haver verdadeiro amor da patria, sem o amor de Deus.»

«Lêde o Evangelho (acrescenta elle), lêde o Evangelho, e vereis que nunca houve quem amasse a propria patria como a amou Jesus Christo. Elle veiu remir a todos, mas é á sua patria que reserva os seus prodigios; elle é o doutor universal, mas nas suas pregações recusa passar as fronteiras do seu paiz. O amor da patria é em Jesus tão forte e tão ardente, que, no caminho do Calvario, esquece as proprias dores e os proprios tormentos para chorar as desventuras que esperam a sua nação.»

Se, pois, aspirâmos ainda — como devemos, como christãos convictos e portuguezes leaes, — a salvar a nossa patria, que se estorce na via dolorosa da amargura, que sobe o escabroso caminho do Calvario, tendo por unico amparo o cortejo do ludibrio e do opprobrio das nações estranhas, que se dizem cultas e até alliadas, que já lançam sortes sobre a nossa tunica inconsutil, — se aspirâmos, como creio, a vel-a resurgir do seu letargo e desalento, reaccendâmos a luz redemptora da fé de nossos maiores, colloquemol-a sobre os candelabros do santuario, illuminemos nossas fronteiras com esse divino pharol, não deixemos amortecer em nossos lares essa flamma sacrosanta!

São estes os meus mais vehementes e entranhados votos, como cidadão portuguez, que me prezo de ser.

Como superior, porém, do unico instituto missionario e portuguez, que possuimos no paiz e que tão amesquinhado é e tem sido, por ser genuina e intransigentemente portuguez, impendem sobre mim deveres não menos sagrados, que espero não trahir nunca, nem preterir,

porque a deslealdade não se compadece com o meu caracter, e porque timbro e timbrarei sempre em corresponder á confiança em mim depositada pelo regio padroeiro da egreja e das missões portuguezas.

Por motivo, pois, de convicção e consciencia, por dever do melindroso cargo, que estou exercendo, não só tenho defendido e continuarei a defender este nosso estabelecimento nacional contra qualquer invasão estranha, embora disfarçada, que já pretendeu e parece pretender ainda empolgal-o; mas estou resolvido tambem a consagrar o resto dos dias, que á Providencia Divina aprouver conservar-me, até ao ultimo alento, á custa das maiores provações e sacrificios, em prol da integridade, do engrandecimento e da independencia da nossa desventurada patria.

N'este proposito, limitarei hoje a minha acção á justa defeza dos interesses religiosos e patrioticos, ligados ao collegio das missões portuguezas, e porei em relevo o valor e serviços dos nossos missionarios, para restabelecer os seus merecidos creditos e necessario prestigio contra essa propaganda injustificavel de malquerenças, contra essas systematicas suggestões, contra essas tenazes invectivas de que estão sendo alvo.

Não venho com propositos aggressivos, mas usar do direito natural de legitima defeza. Não venho suscitar odios entre a familia portugueza, nem despertar antagonismos injustos, inconvenientes, inopportunos, sobretudo no solemne momento historico que vamos atravessando.

Pois, quando se pretende desenvolver no paiz uma corrente de propaganda e sympathia em favor do restabelecimento das congregações religiosas e da organisação da esmola missionaria, será prudente, será plausivel, que se deprima o clero portuguez, que se amesquinhem os nossos missionarios, exalçando sómente até ás nuvens os estrangeiros, que pretendem explorar-nos, como paiz conquistado, e que já largamente nos têem explorado?!... Deus queira que tal imprudencia não comprometta o restabelecimento d'essas congregações ou retarde o seu advento!...

Se a illustre commissão africana me houvera convocado previamente, antes de dar publicidade ao relatorio, ter-se-iam, porventura, evitado estes inconvenientes, ter-se-iam remediado as injustiças e inexactidões, de que este documento está repleto, como vou provar.

Os dois signatarios do relatorio, que me trazem á lembrança os dois irmãos siamezes (e digo isto sem querer offender a s. ex.as, que pessoalmente muito considero), os dois signatarios do relatorio quizeram arvorar-se em criticos e reformadores do nosso collegio de mis-

sões, sem ao menos conhecerem a sua organisação, nem os seus estatutos.

Faço-lhes muito favor em explicar assim os erros e inexactidões em que caíram, talvez por precipitação, ou por não quererem ver a verdade dos factos, cerrando os olhos á luz da evidencia.

De contrario, se interpretasse a viciação dos factos, como proposito de má fé, ou se a attribuisse á falta de probidade, tornar-me-ia aggressivo, ainda que em justa defeza.

Prefiro, porém, ser benevolo e generoso.

*
* *

Entremos, pois, na questão positiva e incontroversa dos factos.

Affirmam os dois relatores, a pag. 12 do seu famoso parecer, que os padres de Sernache se obrigam a missionar por seis annos. Como esta affirmativa é generica, mas em duetto, quiz eu suppor que seria equivalente a doze annos, que tantos são os que se exigem de serviço em Macau...

Pura illusão, resultante ainda da hermeneutica mais benevola!...

Logo na pag. 19, mencionando os graves *senões* do instituto de Sernache, affirmam ainda os dois relatores: «que os seus missionarios fazem em geral da Africa um estagio de seis annos regulamentares ou menos, se póde ser», etc.

Aqui houve desafinação no duetto, pois fugiram da clave, abaixando alguns pontos, ou pelo menos cantando em *b mol*, conforme ainda a hermeneutica mais favoravel. Releve-me a illustrada assembléa esta nota alegre e musical, que serve até certo ponto a amenisar o assumpto, que é de sua natureza arido e ingrato.

Para evitar, pois, mais dissonancias de vozes, o segundo relator empolga a batuta do regente, e elle só, arvorado em maestro unico, publica segunda edição do relatorio, mais augmentada, e,—não affirmo,—mais correcta, na qual dá peremptoriamente esta nota aguda reproduzida em tom maior em um dos orgãos da opinião: «que os padres do chamado collegio das missões de Sernache do Bom Jardim são obrigados a servir nas parochias africanas por seis annos». Como isto é dito em *solo*, sem desharmonia e na ultima edição, fica a affirmativa definitivamente assente: «seis annos de serviço na Africa».

Assim o tenham entendido, mas não se cumpra; porque, se abrirmos os estatutos do collegio, que são lei do paiz, vemos que no artigo 90.º se determina (com surpreza talvez para os illustres e con-

scienciosos relatores): que os prasos de tempo de serviço no ultramar durarão «pelo menos»:

Doze annos em Macau.

Dez annos na India e Cabo Verde.

Oito annos em Angola, Moçambique e S. Thomé e Principe.

Sete annos em Haynan.

Seis annos na Guiné e em Timor.

A referencia do relatorio não póde, pois, ser para a Guiné, porque o seminario de Cabo Verde é que tem ha annos o encargo de fornecer missionarios para esta nossa possessão.

Não póde ser para Timor, porque não está na Africa, e porque os missionarios respectivos têem duplicado e triplicado o tempo de serviço, havendo alguns que não regressaram ainda ao reino, no largo periodo de dezesete annos continuos.

D'esta mesma dedicação religiosa e patriotica, d'esta mesma louvavel abnegação têem dado e estão dando provas inconcussas differentes missionarios portuguezes, não só na Oceania e na Asia, mas ainda mesmo na Africa, como posso provar com factos e documentos authenticos e verdadeiros.

Os illustres relatores, porém, não vêem ou não querem ver factos, nem documentos, que tendam a engrandecer o prestigio dos sacerdotes e missionarios portuguezes. O seu ponto de vista é amesquinhal-os, deprimil-os, glorificando sómente os meritos e os serviços, ainda os mais problematicos, dos estrangeiros.

É diverso o prisma por que se encaram uns e outros. É diverso o crysol, em que aquilatam o seu valor e aptidões.

Para tudo quanto é vindo de fóra, o prisma é côr de rosa: tudo é esplendido, tudo é bello, tudo é admiravel, tudo e todos, sem excepção, «são benemeritos de Deus e da patria natural ou adoptiva», podendo assegurar-se sobre factos que dizem innegaveis (como inculca o relatorio no fim da pag. 13): «que bem poucos portuguezes têem dado provas de maior patriotismo portuguez».

Isto é assombroso de audacia! E não póde tomar-se a serio.

O patriotismo portuguez emigrou, anda foragido por longes terras! Albergou-se, porém, no coração dos estrangeiros, que, por adopção, o perfilharam!... Que caridade! Que generosidade! E que patriotismo!

No paiz ficou apenas um deposito, onde se vende ou aluga a flamma patriotica, que está concentrada na arca santa «de bem poucos portuguezes», e não dizem «de dois unicos», porque certamente professam as virtudes christãs da modestia e da humildade!...

Entretanto, para desenvolverem o monopolio, que já possuem, do

moderno amor da patria, para tornarem mais formidaveis, mais poderosos, os syndicatos politicos, que já por ahi se ostentam altaneiros, provocadores e insolentes, nas suas differentes succursaes estabelecidas em diversos pontos do paiz, conforme as revelações publicas e preciosas que nos fornecem; e porventura para captarem a confiança dos ingenuos, para explorarem a riqueza da nação, para adormecel-a no descuidoso somno da sua boa fé, indolencia e indifferença, que tão indigena, tão nativa, tão peculiar é aos nossos costumes; entretanto, repito, ha homens, chamados portuguezes, que ousam affirmar á face da nação: que os estrangeiros são mais portuguezes do que os proprios portuguezes!...

Inaudito!... Incrivel!...

Não tardará que os proclamem mais catholicos que o Papa!...

É por isso que os nossos insignes africanistas entendem em sua sabedoria e julgam em seu avisado criterio, que o melhor meio, senão o unico, de «aportuguezar» a Africa é entregar todas as nossas missões aos estrangeiros, arredando de lá os missionarios de Sernache, que sendo, como são, fieis ao padroado e leaes á nação, são expostos á irrisão publica, pretendendo-se assim exterminal-os, ou inutilisal-os, por serem ainda um estorvo poderoso, um dique invencivel á invasão completa da onda exotica, que o delirio chrismou de patriotica.

Mas, emquanto não são supprimidos, a prudencia aconselha que se afastem interinamente para o padroado do Oriente, para os bispados em que a Inglaterra tem soberania. O plano é engenhoso e sobre elle conviria fallar ainda mais de espaço.

Em todo o caso, fica provado e assente pelos nossos eximios patriotas, que os portuguezes não sabem aportuguezar: quem sabe aportuguezar devéras são os francezes, & C.ª

Mas, como os modernos inventos têem invertido todos os papeis, transtornando até as noções do bom senso, resultará, que os portuguezes serão os mais competentes para «inglezar» a India britannica e talvez para reconquistal-a. Assim, não sei se os inglezes poderão dormir muito tranquillos o somno do justo!...

Nós, os portuguezes, com certeza e por cautela, convem que velemos, dia e noite, e estejâmos sempre álerta para defensão das nossas fronteiras.

E é por esse prisma, todo artificial e enganoso, que querem que nós vejâmos essas miragens,—embora coloridas com tintas attrahentes e seductoras,—mas essencialmente phantasiosas, tão fóra do campo pratico da realidade e da natureza?!...

Mas analysemos tambem o falso prisma, por onde querem que o *paiz* contemple os infelizes missionarios portuguezes!...

Este prisma, tetrico e assombroso, só nos deixa ver um quadro de pavor e de ruinas, esfumado com as mais negras tintas e sinistras cores, em que se destacam e põem em relevo *senões* deprimentes, em grau superlativo, da dignidade, do brio e do civismo, de que os nossos missionarios têem dado sempre inequivocas provas.

No emtanto, affirma-se, sem exacto conhecimento de causa, que os nossos missionarios se demoram na Africa apenas «seis annos regulamentares ou menos, se póde ser, para virem aportar ás paragens dos pretendentes a situações mais lisonjeiras no reino». (Relatorio, pag. 19).

Em seguida, não sei se apoplecticos de ira verdadeira, senão de postiça indignação, exclamam e proclamam em bellica attitude, empunhando o gladio vingador do exterminio:

«É isto o que não póde continuar. O missionario não é um transeunte, é o soldado que morre no campo de batalha sem nunca desertar. É necessario que o missionario vá para a sua missão com a disposição de lhe dar saude e vida; é necessario que, vindo ao reino, tenha a nostalgia da missão africana, como a tem experimentado todo o pessoal das missões normaes, vindo ao reino.»

Que de ironias pungentes, que fel extravasado, que injustiças, que ingratidão encerram estes dois periodos!

Traduzamol-os, ao pé da letra.

Os missionarios portuguezes são uns ambiciosos ignobeis, que só aspiram a situações commodas e a empregos rendosos; são uns vagabundos despreziveis, inuteis e contraproducentes; são uns soldados indisciplinados, uns desertores cobardes, que se recusam a dar a saude e a vida pela religião e pela patria!

Analysemos os fundamentos d'estas acres e atrozes imputações, invectivas e censuras, que mais considero producto de fecunda e escandecida imaginação, do que a resultante de um trabalho consciencioso, exercido no exame sereno e imparcial dos factos e dos documentos, e inspirado no criterio da verdade.

Se alguns, ainda que poucos, têem requerido e obtido na metropole magros empregos publicos, que só podem exercer, depois de haverem satisfeito no ultramar o tributo que devem á patria,—é porque as leis do nosso paiz, não só lhes conferem esse direito sagrado, mas até lhes dão preferencia, como justo galardão dos seus serviços.

É porque foram ordenados sem patrimonio ecclesiastico, e a titulo de missão.

É porque não têem atrás de si, como os estrangeiros, uma congregação que os receba, ampare e conforte na doença e na velhice, não havendo nenhuma, que me conste, que os envie por toda a vida, por disposição terminante da regra do seu instituto...

É porque, determinados pelo instincto da propria conservação, que a natureza e a religião lhes prescreve, como um direito e até como um dever, receiam definhar de inanição, inutilisando-se completamente para o serviço da egreja e da patria.

É porque receiam tambem, que, minados pelos estragos das febres e da anemia, que contrahiram no ultramar, e tendo por unica perspectiva, por unico conforto, a miseria que os aguarda na metropole, tenham de vir a morrer no hospital.

Isto não é figura de rhetorica. Já aconteceu, e póde ver-se no primeiro tomo dos *Annaes das missões portuguezas,* pag. 158 e 159, em que na mais singela eloquencia, sem queixumes, sem glorificações posthumas, como se estão fazendo aos estranhos, se diz simplesmente:

«José Sergio Antão Alvares foi professor no seminario de Macau e, voltando gravemente doente ao reino, falleceu no hospital!»

Um simples «ponto de admiração» (!) remata esta narrativa fiel! Um simples «ponto de admiração» encerra todo o seu necrologio e commemoração funebre!

Mas esse simples signal orthographico (!) vale mais do que as apotheoses pomposas, do que todas as letras de divida, que ahi estão abrindo e sacando contra o paiz, em favor dos padres estrangeiros, vivos e defuntos!...

A gratidão publica deverá ser mais um exclusivo para elles e só para elles!... Os nossos... os nossos... esses.. na sua doença, no seu desamparo, no seu isolamento, dêem-se por contentes e felizes em encontrarem o obulo da misericordia e a enxerga do hospital!... Que mais querem?!... Não morreu tambem n'um hospital o cantor das nossas glorias! Que é lá andarem, feitos pretendentes, pelas secretarias d'estado, a mendigar cargos publicos!...

Isto não póde continuar, diz o relatorio, e diz muitas outras cousas, realmente assombrosas!...

Mas prosigamos em nosso penoso e triste proposito. A rasão por que alguns missionarios portuguezes requerem empregos, é para continuarem honradamente a consagrar as forças, que lhes restam, ao serviço da sua nação, que só lhes dá, quando tenham completado no ultramar os seus compromissos, 72$000 réis por anno (menos de 200 réis por dia), quantia aquella exactamente igual á que se dá ao actor aposentado, mas por cada mez... Isto mesmo já eu ponderei officialmente aos poderes publicos *(Annaes das missões,* tomo 1, pag. 25). É para não mendigarem pelas ruas publicas o obulo da esmola, ou para não se verem forçados a bater a portas, que se lhes fecham hermeticamente, ou em que se lhes aggravaria o horror da penuria com a

suprema affronta do sarcasmo e da ironia, com a vergonha deprimente da indifferença, senão do desprezo!...

É para não terem por unica esperança de abrigo o asylo dos invalidos do trabalho!...

É para não sentirem os horrores da miseria, e sacrificarem a saude e a vida nas affrontosas vascas da fome, como já tem acontecido tambem!...

Não se julgue que isto é ainda uma figura de rhetorica! Não.

É um facto authentico, que consta de documentos publicados officialmente no II volume (pag. 6 e 30) dos *Annaes das missões portuguezas.*

Peço a quantos me ouvem a fineza de lerem a narração d'esse triste e fatal acontecimento, feita pelo padre Sebastião de Oliveira Braz, missionario prestimoso pelas suas aptidões, virtudes e intelligencia, como demonstrou quando governára a prelasia de Moçambique, e de que poderia dar testemunho o digno presidente actual da commissão africana, quando ministro da marinha, missionario este que tambem foi benemerito e que sacrificou a sua saude, sendo dado por incapaz do serviço pela respectiva junta naval, cujos registos podem ser consultados n'este e outros casos identicos. Apraz-me citar o testemunho do sr. conselheiro Barros Gomes (e folgo de notar o seu assentimento), porque, sei, lê attentamente os *Annaes das missões,* que muito aprecia e de que fez honrosa menção no parlamento, quando ministro dos negocios estrangeiros; e porque geralmente se diz, que á sinceridade das crenças religiosas allia a mais acrisolada devoção patriotica; ao espirito de rectidão o escrupulo da imparcialidade; ao brilho dos talentos os esmaltes das virtudes christãs e os primores da mais inquebrantavel honestidade, ufanando-me, por isso, com a certeza da sua honrosa amisade.

Mas, prosigamos, compulsando esses *Annaes,* onde se faz aquella commovente narração, que se refere ao missionario portuguez, Lino Martins da Silva Araujo.

Sendo encarregado de fundar uma missão em Muendazi, a penuria dos meios só foi supprida pelo cortejo das febres biliosas, que por differentes vezes o prostraram e a tal ponto, que fôra instado pelos medicos a regressar ao reino.

Recusára-se sempre obstinadamente, parecendo ter tambem a «nostalgia da missão africana», e declarando sempre, que não abandonaria o posto de honra que lhe fôra confiado, e em que provavelmente só teria commodidades e abastança, como vamos ver...

Transportado, quasi moribundo, para Moçambique e preparado espiritualmente para a eterna viagem, pediu ao seu antigo companheiro

de trabalhos, na hora derradeira da agonia, para estar a sós com elle. «Os circumstantes retiraram-se do quarto (relata o bondoso padre Braz), e então elle, sem azedume, nem resentimentos, dirigiu-se-me n'estes termos:

«A minha vida poderá prolongar-se ainda por uma hora, e não quero morrer, sem dizer-te, visto seres o meu maior amigo, que passei fome e muita fome, emquanto estive em Muendazi, e alem d'isso quero incumbir-te de participares a minha mãe o meu fallecimento». Senhores! Attentae n'isto! Admiremos a intensidade e delicadeza de sentimento, a pureza do affecto patriotico, em toda a sua sublimidade, d'este «falso e degenerado portuguez», que faz ao amigo, a sós, esta confidencia intima, sem se queixar do abandono da mãe patria, querendo antes, que estas ultimas e solemnes palavras não chegassem aos ouvidos de estranhos, que poderiam servir-se d'ellas para feril-a, mal imaginando, sequer, que haveria portuguezes, que accusassem seus compatriotas de incapazes de sacrificarem a saude e a vida pela religião e pela patria e de darem taes exemplos e provas praticas de abnegação!...

Que esta fôra sempre a norma pratica do seu procedimento, dil-o ainda o amigo, e attesta-o com o consenso unanime de quantos o conheceram.

«Como geralmente se sabe, o desinteresse e o desprendimento eram a sua divisa, e por isso morreu pobre, não deixando senão os seus livros e algumas roupas brancas.»

Desgraçado d'elle, se não tivera succumbido! E, se, regressando n'estas condições á metropole, tivesse o arrojo de solicitar um emprego publico!...

Mas, se, para justificar os notaveis pruridos de certa nostalgia africana, elle possuisse e usufruisse lá estabelecimentos avaliados em 150:000$000 réis, e outros orçados, por alto, em 30:000$000 réis, como assevera o relatorio (pag. 40),— quem sabe?! — talvez elle e outros, em analogas circumstancias, não fossem uma vergonha comparados com os que fazem voto de pobreza voluntaria, mas que, em todo o caso, não morrem de fome nos sertões, nem no triste abandono do hospital!...

Eu poderia citar muitos nomes de missionarios portuguezes, que têem compromettido a sua saude nas plagas africanas; mas não desejo protrahir demasiadamente esta exposição.

Quem for sincero, quem quizer ser justo e imparcial, facilmente encontrará esses nomes nos registos da junta de saude naval, ou na secretaria d'estado dos negocios da marinha e ultramar.

*Os nomes,* porém, dos que sacrificaram,— mais que a saude, — a

propria vida, no serviço da patria, esses tel-os-iam encontrado, se quizessem sabel-os, nos *Annaes das missões portuguezas,* publicação official, que por ahi se distribuiu com profusão.

Já que, pois, não são mencionados no relatorio; já que não são propostos á consideração publica, para que haja de solver esta divida sagrada de gratidão, vamos nós registal-os, dando á sua veneranda memoria este simples tributo de saudade e reconhecimento, honrando assim suas cinzas, nobilitando assim o nome portuguez!

Não são nomes estrangeiros e arrevezados, como esses que o relatorio aponta.

São nomes genuinamente portuguezes. Eil-os:

Antonio Pedro Martins, parocho mui zeloso e professor de instrucção primaria em Massangano, tendo partido para a missão em 1875, falleceu em 1882. *(Annaes,* tomo 1, pag. 160, n.º 20.)

Boaventura dos Santos, foi parocho na sé de Loanda, missionario no Congo, parocho de Huilla, morreu em Benguella, depois de haver concluido o tempo de serviço obrigatorio.

Carlos Ferreira Baptista foi parocho na sé de Loanda, missionario em Macau e Timor, parocho em Montael e professor em Dilly, ecclesiastico de muito prestimo e exemplar. Sendo julgado incapaz do serviço pela junta de saude, quiz ir para Timor e depois para Macau, onde falleceu em 1882, victima da infecção palustre contrahida em Loanda e Timor. Havia partido para a missão em 1875.

Manuel José Miguel Especioso Fernandes falleceu de febre typhoide na Guiné, missão que, zelosamente, preferiu á de S. Thomé, que lhe fôra indicada como mais conforme á debilidade da sua saude.

Miguel Christovão dos Santos missionou na Guiné, onde prestára importantes serviços, principalmente por occasião da guerra que se levantou no concelho de Buba, onde quiz permanecer, não desertando, apesar dos conselhos dos medicos, preferindo assim fallecer depois no seu posto de honra.

José Simões dos Santos e Silva serviu em S. Thomé, para onde voltou depois de haver concluido o tempo obrigatorio da missão. Estimado por todos pela sua inexcedivel bondade, prudencia e lhaneza; apreciado pelo seu trato, sempre grave e affavel, distincto pelo seu zêlo evangelico e pelo conjuncto de virtudes christãs e sociaes, falleceu inesperadamente, no vigor da idade e na pujança da vida, quando exercia o elevado cargo de prelado da diocese, onde a sua perda foi deplorada com lagrimas sentidas de viva saudade e indelevel gratidão, e onde o seu nome é bemquisto e venerada a sua honrada memoria.

A estes nomes, dignos de respeito dos verdadeiros crentes, peço de addicionar os dois que primeiro citámos, e que são:

José Sergio Antão Alvares.

Lino Martins da Silva Araujo.

Não venho pedir para elles glorificações pomposas, nem vãos monumentos, erigidos á vaidade e ao orgulho. Não venho pedir que os divinisem, nem que os preconisem martyres desde já e sem as formulas severas do processo canonico. Não.

É mais modesto e humilde o meu pedido.

Peço simplesmente aos corações portuguezes,—que ainda os ha leaes e leaes, merce de Deus,—que consagrem uma sentida e fervorosa prece christã por alma d'aquelles nossos infelizes irmãos, que bem mereceram tambem de Deus e da patria, e que, longe do conforto dos seus lares, sem os carinhos da familia, sem terem a mão affectuosa do amigo para lhes cerrar as palpebras na hora derradeira, souberam morrer, até ao ultimo alento, sem queixumes, apesar do seu abandono, quão pura era, quanto era desinteressada, quanto era profunda o amor que dedicavam á sua e nossa nação!

Descubramos, pois, a cabeça, inclinemos a fronte, curvemos os joelhos e oremos por esses nossos irmãos!

Que os seus restos mortaes repousem tranquillos á sombra benefica do pendão glorioso das quinas!

Que o seu somno eterno não seja perturbado por clangores sinistros e imprecações desmaiadas!

Que a sua sepultura rasa e humilde não seja calcada pelos pés estrangeiros!

Que ninguem ouse profanar a sua mortalha, nem revolver as suas ossadas!

Que mãos sacrilegas não volvam mais a desarvorar do solo da *patria esse labaro* de redempção, que fora implantado ali com o suor *de seus filhos*, regado com o seu sangue precioso e cravado nas suas *entranhas*!

Que os *mortos* estrangeiros repousem tambem á sombra d'esse *pendão generoso*, que, á custa de tantos perigos, com despendio enorme *de vidas e cabedaes*, conseguira tremular victorioso e respeitado, em *todas as partes* do mundo, abrigando e civilisando tantos e tão diversos *povos*, tantas e tão diversas raças!

Que a sua memoria e as suas cinzas sejam respeitadas, e que oremos tambem por elles, como christãos! Isto emquanto aos mortos.

Emquanto aos vivos, os que vierem para nós com o mesmo espirito de fidelidade, abnegação e zêlo apostolico de S. Francisco Xavier, *e que não* hesitarem em se subordinarem inteiramente ás leis e

auctoridades portuguezas, acceitando a nossa acção civilisadora e não impondo exclusivamente a sua d'elles, serão recebidos de braços abertos, serão bemquistos e glorificados.

Se, porém, vierem, para abusarem da nossa confiança e hospitalidade, para expulsarem da Africa os nossos missionarios, desterrando-os, não para Goa, que exporta população ecclesiastica, ali superabundante, mas para a India ingleza, conforme se deprehende do celebre relatorio (pag. 18): isso nunca, sem que primeiro uma convulsão de desespero e revolta desperte o leão popular adormecido: isso nunca, sem que um grito ingente de profunda indignação accorde os echos das montanhas e dos valles, em todos os angulos do paiz!...

Pois, julgam acaso, que os portuguezes estão tão degenerados, são tão imbecis e ignobeis, que já não são capazes de hastear e defender a bandeira nacional nos territorios sujeitos á nossa soberania?!

Estará tão manchada, tão depreciada essa bandeira, que julgam indispensavel arrancal-a ás mãos portuguezas e confial-a á guarda de estranhos, que tantas vezes têem pretendido conspurcal-a com a sua baba infecta, que tantas vezes a têem salpicado de lama e arrastado no tremedal?!...

É isto effectivamente, segundo parece, o que se quer, o que se pretende, o que se trama nas trevas e que já vem á suppuração, em plena luz do dia.

O relatorio, n'este ponto, é claro, assegurando «que bem poucos portuguezes têem dado provas de maior patriotismo portuguez» do que os vindos de fóra (pag. 13, fim).

Mas, em tudo que assevera, conducente a este *desideratum,* tem a infelicidade de ser, ou monstruoso, ou contraproducente.

Pois que significa allegar que na Africa são precisas milhares de missões (pag. 20) e excluir, banir de lá o elemento e pessoal portuguez?!...

Admittindo, hypotheticamente, que todos os missionarios estrangeiros são uns portentos, uns sabios, que não podem ser igualados, e muito menos excedidos, e que os portuguezes, alem de nullidades rematadas, não vão bem preparados para a Africa, nem têem estudos completos (no que aliás os illustres relatores revelam ainda desconhecimento dos estatutos e do programma de estudos professados); admittindo tudo isso, o que seria logico, opportuno e conveniente era estabelecerem-se esses sabios na India, paiz mais civilisado, onde facilmente poderiam ostentar a sua sciencia e aproveitar proficua e condignamente os seus tão preconisados talentos.

Entretanto, os portuguezes, estupidos por natureza e ignorantes por deficiencia e incapacidade dos estabelecimentos educadores, se-

gundo a opinião dos nossos conspicuos e conscienciosos compatriotas, esses estariam talhados de molde para os sertões africanos, onde não se requerem doutores approvados *in omni re scibili*, nem existem academias, nem universidades onde hajam de dirimir-se transcendentes problemas scientificos, ou altas questões pedagogicas e profissionaes...

É possivel, e creio mesmo, que, com pouca mais sciencia do que a do catechismo, com mais almegação pratica, com menor ambição de riquezas, terrenos e poderio, elles, como nos tempos antigos, ganhassem mais facilmente a alma e o coração dos indigenas, que, pelos processos modernos da moderna evangelisação, estão sendo convertidos pela força expansiva das metralhadoras, pondo-se a preço as cabeças dos regulos, para, porventura, se estudarem melhor as bossas craneanas, ou se introduzirem n'ellas as novas luzes da civilisação espiritual, a que são refractarias, sendo, por isso, indispensavel o recurso summario e efficacissimo das linguas de fogo e das balas de canhão!...

Seja isto dito aqui, á puridade, em boa paz, e, por emquanto, sem mais explicações; e quem as quizer, procure-as no *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa* (n.º 6, 9.ª serie). — *Documentos juntos á expedição ao Cuanga*, pelo sr. Arthur de Paiva, e no *Boletim official* da provincia de Angola, de 11 de fevereiro do anno corrente!

* * *

Sr. presidente, tenho agora de restringir differentes considerações, que tencionava expender, tenho mesmo de eliminar algumas, porque são identicas ás que estão exaradas no protesto, hoje recebido, dos dignos padres de Sernache, muitos dos quaes foram missionarios, sendo dois d'elles tambem socios da nossa Sociedade de Geographia.

Abstenho-me por isso de repetir os argumentos por elles adduzidos, e moldados no mesmo pensar e no mesmo sentir, porque não desejo prolongar demasiadamente a discussão, e porque esse documento deverá ser tambem publicado.

O que sinto profundamente é que, visando o relatorio a reformar e remodelar o nosso collegio de missões, pretendendo mesmo restringir a sua acção civilisadora e patriotica (pag. 18), não me fosse esse documento enviado para a minha residencia actual, sendo certo que a imprensa havia dado noticia da minha chegada a Lisboa, na manhã do dia 26 de março, facto este que tambem não era ignorado na Sociedade de Geographia.

Diz v. ex.ª, sr. presidente, que lhe asseveram ter-me sido enviado *o relatorio para Sernache* do Bomjardim.

Não duvido, por um momento só, do que v. ex.ª affirma. Faço essa justiça a v. ex.ª e á mesa, a que não attribuo culpas nem irrogo censuras.

Consigno apenas este facto: que da Sociedade de Geographia se mandou receber a minha casa em Lisboa as quotas em divida, em rasão da minha ausencia anterior. Para este effeito estava eu em Lisboa; mas para o effeito de receber o relatorio estava em Sernache do Bomjardim.

Ainda assim, prevenido á ultima hora, apanhado de surpreza, não dispondo sequer do tempo materialmente necessario para colligir e coordenar documentos, — porque outros e mui diversos motivos de serviço publico me estão preoccupando a attenção e me absorvem esse tempo, — ainda assim, repito, espero que a discussão não será levada de assalto, nem de afogadilho.

Ainda assim, conto apresentar provas mais que sufficientes, que levarão ao animo da Sociedade de Geographia, da commissão africana e do paiz inteiro o convencimento profundo de que a onda invasora do dominio estrangeiro, não só se alastra na metropole, mas se alastra tambem nas nossas colonias já inundadas, e que se pretende inundar completamente.

Presinto ha muito as machinações subterraneas, que se tramam nas trevas e que já ousam ostentar-se a céu descoberto!... Estou de sobreaviso e tenho já prevenido os poderes publicos dos perigos que nos ameaçam. A minha responsabilidade ficará salva.

Entretanto, não devo deixar de dizer — e isto transluz já nas revelações da imprensa, — que a campanha de descredito fomentada na metropole contra o que é portuguez se estende e dá as mãos á mesma desastrada campanha que se propaga em Angola, onde, sob o pretexto apparente d'esse descredito, se desorganisam as nossas missões, para assim se colorir e cohonestar melhor a invasão estrangeira...

*(Interrupção do sr. Fernando Pedroso e intervenção do sr. presidente.)*

Sr. presidente, póde v. ex.ª permittir que me interrompam á vontade, porque não trepido, e estou resolvido a dizer toda a verdade ao meu paiz, custe a quem custar. Felizmente ninguem ousará estrangular-me a voz na garganta!

Assumo a completa responsabilidade de tudo o que affirmo, á luz de factos incontestaveis e com documentos na mão, firmados pelos proprios que me arguem.

Pois não diz o relatorio, referindo-se ás missões estrangeiras do districto do Congo, que é «sabido que a evangelisação de toda a população está no desejo dos superiores d'estas missões»?!... (Relatorio, *pag.* 12.)

Não se diz ahi mesmo, em seguida, que um dos padres d'essas missões, por nome Wieder, passando por Lisboa, «um dos propositos que manifestou foi o de estender a evangelisação em torno de Cabinda por meio de excursões repetidas»?!...

E bastou que se revelasse esse desejo; bastou que se accentuasse esse proposito, para encontrar patronos e até apologistas, não só na metropole, mas até na propria Africa.

É por isso que as noticias provenientes do Zaire, e publicadas na imprensa periodica do reino, propalam o plano insidioso de se entregarem as missões portuguezas do Congo e do Zaire á administração de padres francezes!... (*Commercio do Porto*, do dia 26 de março ultimo, e *Tarde*, de 28 do mesmo mez.)

É por isso que o correspondente de um jornal religioso do Porto assevera que essas missões foram ultimamente expropriadas por utilidade religiosa e vão ser entregues a padres estrangeiros.

«É isto triste, acrescenta o mesmo correspondente, pois é uma affirmação feita por quem a podia e devia fazer (?!...) da incompetencia (!) do padre portuguez para missionario na Africa.»

«A religião ganhou; mas o que isto custará ao nome portuguez o futuro o dirá.» (*Palavra*, de 17 e 28 de março ultimo.)

As missões portuguezas do Congo e do Zaire não foram, por emquanto, expropriadas nem entregues a padres francezes. Não. Nem convem que o sejam.

Antes d'isso, corre ao rev. bispo de Angola e Congo o sacratissimo e indeclinavel dever, se não quer assumir responsabilidades tremendas, de acercar-se de todos os missionarios portuguezes, removidos d'essas missões, e de quantos se tornem indispensaveis e, á frente d'elles, em santa cruzada da religião e da patria, erguer bem alto a sua cruz e o seu baculo pastoral, para defender com a palavra e com o exemplo o rebanho, que lhe fôra confiado, para defender e assegurar os nossos direitos historicos, para defender e garantir o dominio effectivo e tradicional da nação portugueza, n'essas longinquas paragens!

*
* *

Mas, sr. presidente, o proprio relatorio nos fornece argumentos, para não devermos querer a invasão estrangeira nas nossas colonias, sob qualquer fórma ou pretexto que se apresente.

Acceito de bom grado quanto diz ácerca da inundação ingleza e protestante, que justamente acoima de «tolerancia insensata» da nossa *parte, mas em que sómente* vê perigos e desgraças. (Relatorio, pag. 7).

Acceito tambem o argumento que adduz, extrahido do «grande orgão da opinião da Inglaterra, o *Times*», que proclama: «A Africa será de quem conquistar a sympathia do africano».

Se eu não tivera opiniões definidas, muito nitidas e arreigadas, a este respeito, esse unico argumento serviria a convencer-me completamente dos gravissimos perigos, que corremos, em «tolerarmos insensatamente» que os estrangeiros invadam os nossos territorios, confiando-lhes a educação e instrucção dos indigenas subordinados á nossa soberania, e cuja sympathia conquistarão, acabando por conquistar tambem esses mesmos territorios.

Acceito, pois, esse argumento, sem restricção alguma, como o proprio *Times* o apresenta, em sentido amplo e generico.

Que importa, em verdade, que seja conquistada pelo inglez, pelo francez, pelo allemão ou pelo hespanhol, a sympathia do africano, se nós, os portuguezes, houvermos de perder essa sympathia, que é o nosso melhor argumento, o mais forte ponto de apoio para a nossa influencia e para o nosso dominio?!...

Não fallo debaixo do ponto de vista religioso.

A este respeito, não admitto parallelo possivel entre o catholicismo e o protestantismo. As minhas crenças religiosas são bastante explicitas, e até se acham exaradas em documento official antigo (7 de outubro de 1885), em que propunha ao governo a organisação de uma congregação missionaria portugueza, para contrapor á invasão protestante, que principiava a encrustar-se nos territorios do nosso dominio colonial. (*Annaes das missões,* tomo I, pag. 24.)

Mas, ainda debaixo do ponto de vista social, o protestantismo, essencialmente individualista e utilitario, que nos dá, quando muito, a sordida philanthropia inspirada em motivos simplesmente humanos, — não póde equiparar-se ao catholicismo, que, no seu altruismo desinteressado, nos offerece a mais sublime e preciosa das virtudes christãs, — a caridade, — inspirada em motivos puramente divinos, — e que por isso exerce a mais benefica e salutar influencia na vida do homem individual e na vida de relação do homem collectivo, constituido na sociedade restricta da familia ou na sociedade nacional do estado.

Não desejo, portanto, a invasão ingleza-protestante, sob qualquer dos diversos e complexos aspectos, em que se manifeste.

Mas tambem não é conveniente, debaixo do ponto de vista da nossa legitima influencia politica, que engeitemos a acção e elementos nacionaes, para os confiarmos á tutela de estranhos, embora se argumente com a identidade de religião, de origem e de raça, embora se alleguem rasões geographicas e ethnographicas, ou quaesquer outros motivos de supposta e problematica conveniencia nacional.

Todos esses argumentos de identidade, todas essas rasões e motivos de affinidade e conveniencia, podem invocar-se e applicar-se á nossa vizinha Hespanha, e a tal ponto, que geralmente é considerada como nossa irmã.

Irmã, sim, com quem devemos ter as mais cordiaes relações de amisade e estima; com quem devemos manter estreitas relações commerciaes e scientificas; com quem devemos mesmo firmar tratados de alliança offensiva e defensiva...

Convem isto e o mais que for justo e opportuno, para vivermos como irmãos; mas, entenda-se bem, irmãos muito amigos, com economia completamente á parte e com inteira independencia dos seus lares...

Se, para mantermos a nossa autonomia domestica e a tranquillidade da nossa casa; se, para assegurarmos a nossa individualidade nacional, fôra mister a interposição de uma muralha mais alta, mais forte que a da China, eu desejaria essa muralha, eu quereria essa barreira insuperavel, ainda que fosse preciso formal-a com os nossos corpos e cimental-a com o nosso sangue.

Deveremos acaso extasiar-nos, adormecer em mirifica beatitude, embalados na doce e fagueira illusão da identidade da crença, que haja de premunir-nos contra qualquer attentado de invasão, contra qualquer tentativa de absorpção estranha?!...

Compulsemos o livro da historia, consultemos a triste lição da experiencia, que nos fornecerão rudes, mas proveitosos desenganos!...

A nossa irmã e religiosa Hespanha, por antonomasia, a Catholica, respeitou, porventura, auxiliou desinteressadamente o seu irmão, denominado, por excellencia e com justiça, o Reino Fidelissimo, na angustiosa crise da sua enorme desventura e agonia nacional, que tivera o seu funereo prenuncio nos campos desoladores de Alcacerquibir?!... Não!

Esta nossa descarinhosa irmã, não obstante a uniformidade das crenças religiosas, logo que viu o generoso irmão estorcer-se nas apertadas espiraes da adversidade, que ameaçava estrangulal-o, não se limitou a votal-o ao abandono e ao desprezo, senão que tratou de aguçar as garras aduncas do leão de Castella para craval-as, inclementes e fratricidas, como as de Caim, no seio e nas entranhas do desditoso Portugal!...

Assim foi, que esta nossa nobilissima nação, tão rica de tradições e de glorias, que derramára a flux sobre todos os povos cultos e barbaros, a luz fulgurante da sua fé e da sua civilisação, o prestigio e influencia do seu nome, viu, com assombro, que sua orgulhosa e des-

*caroavel irmã a feria* mortalmente no coração, acorrentando-a nos du-

ros grilhões do captiveiro, n'essa longa e tenebrosa noite de sessenta annos, em que tentára apagar tredamente todos os vestigios da nossa historia, desbaratando as nossas armadas, retalhando as nossas colonias, que eram, e são ainda, o titulo precioso, o penhor sagrado da nossa independencia!

Assim procedia a catholica Hespanha!...

Assim procedia esse povo arrogante, apesar de hermanado na mesma crença, na mesma origem, e na mesma raça; apesar de descortinar os mesmos horisontes encimados pelo mesmo céu, e illuminados pelo mesmo sol meridional!...

Mas, a proposito de irmãos, e como argumento da minha these, seja-me licito recorrer aqui á lição e ao exemplo, que nos offerece a Sagrada Escriptura.

Refere-se ella (Gen., 42) a essa tocante historia dos irmãos de José, que, acossados pela fome que assolava as terras de Canaan, se dirigem ao Egypto para comprarem o trigo encelleirado d'esta fertilissima região.

Elles se apresentam despreoccupadamente ante o irmão, que haviam vendido e que os reconhece.

Falla-lhes duramente como a estrangeiros, perguntando-lhes:

«De onde vindes vós? Vós sois exploradores que vindes, como espias, para examinardes os pontos fracos e vulneraveis d'esta terra.» *Vos exploratores estis; ut videatis infirmiora terrae venistis.*

Pois, senhores, vistos os autos, o melhor que temos a fazer com relação aos estrangeiros, que, famintos, se acercarem de nós, é darlhes, como bons christãos, a bemdita esmola do nosso trigo, e mesmo do nosso milho, dizendo-lhes com caridade ou duramente, se for preciso e se se tornarem obstinados:

«Irmãos, Deus vos favoreça, sede felizes, deixae-nos em paz, ide para vossas casas ou para onde não causeis perda nem damno.

Isto seja dito áquelles de nossos irmãos, de áquem e de alem Pireneos, que vierem como exploradores e como espias, para opportunamente nos atacarem nos pontos indefensaveis...

Eu bem sei, que esta linguagem franca e leal, prudente e patriotica, despertará celeuma nos arraiaes do estrangeirismo!...

Que importa, se exprime uma sincera convicção!?...

*
* *

Mas, para esses taes, que acceitaram já o argumento citado do *Times, temos á mão* um argumento ainda mais explicito, addu-zido

por um illustre escriptor francez, mr. J. de Maistre, que diz, mas d'esta vez em latim, para o desgosto ser completo:

«*Cujus religio, ejus regio.*»

Quer dizer em lingua vernacula:

«Quem tiver o predominio religioso, terá a posse do paiz.»

Querem-no mais claro?!...

Basta, em verdade, considerar a influencia, que a educação excessivamente franceza está exercendo no espirito desassisado da nossa ingenua capital, para nos convencermos de que o «francezismo» não só tem invadido a nossa litteratura, mas até abastardado os nossos patriarchaes costumes, a tal ponto, que a nossa propria devoção, outr'ora tão profunda e sincera, se tem tornado superficial e apparente nos tempos modernos!...

Chega mesmo a haver pessoas, que parecem sisudas, que só gostam dos sermões recitados em francez, embora pouco ou nada percebam...

E que percebe d'isto o artista, o homem do povo, geralmente bonacheirões, quando vão com a mãe de familia visitar os proprios filhos a certos collegios e asylos?!... Não obstante, regressam de lá embevecidos, extasiados, pulando de alegria, rindo a bandeiras despregadas, porque ouviram os filhos recitar em francez o Padre Nosso e a Ave Maria! Quem tal houvera de dizer!...

Isto no proprio seio da capital do reino!...

Que não irá por lá, no interior dos sertões africanos?!...

Oh! Ahi é que os francezes sabem «aportuguezar», na perfeição e á vontade, os subditos portuguezes, como terei occasião de comprovar com documentos firmados por elles mesmos!...

É verdade que alguns portuguezes afrancezados, inculcam e apregoam *urbi et orbi*, que os francezes aportuguezados (todos *ejusdem furfuris*) possuem um coração tão amplo, tão elastico, tão phenomenal, que chegam a albergar n'esta viscera descommunal, não só a patria natural, senão tambem uma supposta patria adoptiva, resultando d'aqui dizer-se, como diz o relatorio (pag. 13), «que bem poucos portuguezes têem dado provas de maior patriotismo portuguez...»

Eu não creio n'estes cantos, todos artificiaes, com que as sereias pretendem embalar e adormecer a nossa boa fé.

Eu não creio nas profissões de fé patriotica portugueza, que os estrangeiros aqui têem vindo proclamar no seio mesmo da nossa Sociedade, imaginando despertar echos de sympathia e correspondencia em nossos generosos corações.

Não creio; porque, por mim, julgo impossivel trocar, por adopção, interesse ou convenção, o amor natural, instinctivo mesmo, que consagro e consagrarei sempre á terra em que nasci.

Mas vou apresentar outros motivos do meu scepticismo a tal respeito.

Allega-se que os governos francezes, tidos e havidos nos tempos modernos na conta de impios e atheus, não só admittem as ordens religiosas, mas protegem até e favorecem largamente os missionarios saídos d'ellas, que se destinam ao ultramar e que ahi se estabelecem.

Se, pois, assim procedem, não é seguramente por motivos de religião, porque os atheus não professam nenhuma.

Visam, portanto, a dilatar a sua influencia e o seu dominio, sendo assim a religião um meio efficaz conducente a este fim.

*Cujus religio, ejus regio.*

Vejamos agora como outras corporações tambem francezas procuram os mesmos resultados por processos diametralmente oppostos.

A associação da propagação da fé, que tem a sua séde em Lyon, parece que só deveria mirar á realisação do seu programma ostensivo e preoccupar-se exclusivamente com elle.

Puro engano!...

Segundo o testemunho uniforme de differentes bispos e missionarios portuguezes, e principalmente dos que exercem e têem exercido o seu ministerio no oriente, os padres francezes em geral são inimigos declarados de quanto é nosso e atacam a nossa legitima influencia por todas as fórmas, que lhes suggere a sua fecunda imaginação.

Não sou eu que o digo, demonstrou-o com factos o sr. Carlos José Caldeira, que todos sabem foi um crente e portuguez de lei.

Demonstrou-o na sua interessante obra *Apontamentos de uma viagem á China*, etc., em que se refere aos meios ardilosos e condemnaveis, a que esses padres estrangeiros recorrem, dominados pelo desejo de extinguirem de todo a nossa influencia.

Hontem, como hoje, os processos adoptados são os mesmos, tanto no oriente, como na Africa, e até mesmo em Portugal...

Se ainda restarem duvidas, ouçamos o benemerito bispo actual de Macau, que n'um relatorio dirigido ao nosso governo em 21 de dezembro de 1884 diz textualmente o seguinte, com relação á jurisdicção do padroado em Singapura:

«Ora, é cousa sabida que os missionarios francezes, perdida a nossa jurisdicção, não consentiriam entre si um unico sacerdote portuguez, porque o não consentem em qualquer parte onde possam inteiramente dominar. (*Annaes das missões*, tomo II, pag. 47.)

Serão precisos ainda mais factos e documentos?!... [1]

---

[1] Para exemplo bastará citar um dos muitos factos authenticos de que temos noticia: a colonia portugueza de macaistas catholicos, residentes em Bangkok,

O mesmo sr. Carlos José Caldeira na sua obra já citada se encarregou de patentear os processos insolitos e menos leaes, que a denominada «associação franceza da propagação da fé» emprega na distribuição mesmo das importantes quantias, que annualmente recebe de Portugal.

«A associação da fé, diz elle no tomo 1, pag. 215, tem-se constantemente negado a contemplar os nossos missionarios e as nossas igrejas da Asia na distribuição dos seus fundos, para cujo monte nós concorremos; e a esta revoltante exclusão juntam ás vezes o insulto e o escarneo, dizendo a alguns dos nossos sacerdotes, como succedeu em Singapura: «Vós viveis na miseria e no abandono da vossa nação; nós «vos aggredimos e temos os meios de ir diminuindo o vosso rebanho, «habilitados pelo dinheiro que nos dá a associação que vae colhel-o «tambem ao vosso paiz».

«Isto é intoleravel, exclamava em 1852 o nosso digno compatriota, e deve por uma vez cessar.»

Mas o peior da passagem é que isto não cessou, pois são já decorridos mais de quarenta annos e continuâmos a tolerar o que é realmente intoleravel!...

De todo o exposto, á luz da evidencia, se conclue com rigor mathematico, que os governos francezes, que não têem fé, e a associação de Lyon, que deve tel-a de sobejo, se dão as mãos, se abraçam em intima alliança para apagarem a influencia do nome portuguez e se apossarem opportunamente dos nossos dominios de alem mar.

Meditem, pois, seriamente os poderes publicos, medite a Sociedade de Geographia e medite o paiz sobre os gravissimos perigos que nos advirão, se entregarmos a estrangeiros as missões africanas!... Depois d'isto, que nos restará ali que sirva a attestar a nossa vida e actividade colonial?!... N'estas condições só nos restará o desprezo e o abandono por parte do preto.

Não temos exercitos, nem esquadras para nos impormos pelo terror, o que nem sempre é efficaz, nem duradouro, sendo muitas vezes contraproducente.

O indigena africano sabe isto de sobra e conhece a nossa precaria situação. Não falta por lá quem lh'a descreva e exagere, quando aqui mesmo ha quem ouse deprimir-nos, querendo attestar ao mundo a nossa incompetencia e a inanidade dos nossos esforços.

---

capital de Sião, na Indo-china, pediu e instou com os padres francezes, ali predominantes, para que permittissem se estabelecesse entre elles um sacerdote portuguez. Por unica resposta obtiveram sempre esta intransigente negativa:=*Jamais, jamais!*... E não obstante, ha compatriotas nossos, que se obstinam em *asseverar*, que a religião não tem patria!... Tal é a voluntaria obcecação!...

Ha ainda quem ouse chamar a essa loucura, para lhe não dar outro nome, serviço patriotico e zêlo religioso!... Zêlo religioso!...

O paiz, que pensa e raciocina, conhece, quando mais não seja pela tradição, a natureza do zêlo religioso que inflammou a França catholica quando nos principios d'este seculo invadiu a nossa nação!

Nossos paes nos descreveram os horrores d'esse encendrado zêlo, traduzido na profanação das nossas egrejas, na violação dos sacrarios, no roubo das alfaias, no desacato dos altares, na irreverencia das imagens.

Estes sacrilegios monstruosos mais se aggravaram ainda nos horrores dos campos talados, das povoações assoladas, dos lares violados, da população dizimada, dos destroços de todo o genero, resultantes da rapina, da depredação, do incendio e da ruina!...

Não uso de declamações gratuitas, nem abuso de artificios rhetoricos para armar ao effeito. Não.

Adduzo factos incontestaveis, que me comprometti a comprovar perante o paiz e com applauso eloquente, que muito agradeço, d'esta mesma assembléa.

Para prova, pois, das minhas affirmativas, cito a *Historia da invasão franceza,* escripta por um patriotico e esclarecido beirão, o sr. José Accursio das Neves.

Ahi se descrevem as atrocidades inauditas, os prejuizos incalculaveis, que nas diversas invasões soffrêra todo o paiz, e nomeadamente a minha terra natal (Alpedrinha), que de todas as povoações do reino sôra relativamente á sua população a que mais estragos e damnos padecêra. Mais de sessenta pessoas de ambos os sexos e de diversas idades foram mortas, sendo algumas empaladas e queimadas vivas!...

Existem ainda e conheço pessoas d'essas familias, e pelos proprios olhos vi ainda as ruinas dos edificios incendiados, que lhes deixaram, como triste legado de luto e desolação!...

Vi tambem, mutiladas, imagens de santos, que eram retirados das egrejas, convertidas em cavallariças, para serem expostos nas ruas publicas ao ludibrio, ás vaias e sarcasmos da soldadesca infrene!...

D'estes sacrilegos attentados, que ferem no mais intimo da alma a crença de um povo christão, só um santo foi exceptuado: foi S. Luiz, Rei de França, que ainda se venera na egreja da misericordia d'aquella villa. Este eloquentissimo facto, não só prova a religiosidade sincera do povo portuguez, mas põe tambem em evidencia a preoccupação constante do povo francez, em quem o sentimento nacional predomina sempre sobre o sentimento religioso.

Querem ainda mais provas, mais desenganos e exemplos mais recentes?!...

Entre os factos que revelam o espirito, que anima os estrangeiros contra Portugal, citaremos o de terem quebrado as armas portuguezas, que ornavam a nossa cathedral de Pekin, de que se apossaram sem que nos dessem indemnisação alguma, indemnisação que aliás exigem quando são obrigados a entregar-nos qualquer pardieiro, embora construido á custa de esmolas, como demonstraremos.

Nem ao menos tremeu a mão d'esses vandalos, quando tiveram de apagar do escudo das nossas armas as sacrosantas quinas da Redempção!...

Não improviso, nem declamo.

Este facto foi officialmente communicado para o ministerio da marinha em 1884 pelo nosso consul em Shangae.

Poderia tambem citar a acção menos correcta, menos digna, menos reverente, que esses estrangeiros praticaram, quebrando a lapide, que a primeira peregrinação portugueza collocára na sepultura de S. Francisco Xavier n'uma ilha ao sul da China!...

*
* *

Mas será preciso ainda adduzir mais factos, compulsar mais documentos comprovativos de quanto a acção estrangeira nos é e póde ser nociva?

Vamos fechar esta serie de argumentos com o testemunho auctorisado e insuspeito de um bispo, verdadeiramente apostolico e portuguez de lei, que é ornamento do episcopado, honra e gloria do nosso collegio das missões.

Refiro-me ao illustre bispo actual de Macau, o sr. Medeiros, portuguez de um só rosto e de uma só fé, d'esses a quem póde applicar-se a phrase caracteristica do nosso classico Sá de Miranda:

«D'antes quebrar, que torcer.»

Este insigne prelado, de cuja orthodoxia não é licito a ninguem duvidar, dizia terminantemente ao governo portuguez, no já mencionado relatorio:

«Todos sabemos que na guerra que estamos soffrendo de outras nações, entra no plano invadir as nossas colonias por meio de congregações. Pois bem, opponhâmos pelos mesmos meios uma barreira, mas isto emquanto temos que perder.» *(Annaes,* tomo II, pag. 48.)

Quer isto dizer: nacionalisemos e organisemos congregações constituidas de elementos portuguezes, para assegurarmos o nosso dominio colonial, e tratemos, quanto antes, de contrapol-as ás congregações de missionarios estrangeiros, que nos são hostis e que procuram,

de accordo com as nações a que pertencem, empolgar-nos esse dominio.

Este é tambem e tem sido sempre o meu pensamento e preoccupação.

Tão explicitas são aquellas palavras, dictadas pelo são criterio e pela lição da experiencia, que me parece não admittem duas interpretações.

Em todo o caso, a melhor interpretação d'essas palavras está na sua completa concordancia com os actos.

Assim é que o nosso venerando bispo não tem cedido ás reiteradas instancias empregadas por congregações de padres estrangeiros, principalmente francezes, que têem pretendido lançar raizes na diocese de Macau, sob diversos pretextos, sendo um d'elles o estabelecimento de um «simples» sanitario... Baldadas tentativas!... Baldados esforços!...

O nosso bispo vê claro e vê longe. Não quer, porventura, que lhe aconteça, como ao actual bispo de Angola, que, conforme declara o relatorio em discussão, não póde exercer actos de jurisdicção em todos os dominios da nossa soberania, sob pena de incorrer em graves censuras... (Relatorio, pag. 11.)

Ao mesmo prudente e patriotico criterio obedeceu ainda o nosso dignissimo bispo, empregando no serviço da sua diocese e das missões de Timor as religiosas Canossianas, que inalteravelmente se subordinam á jurisdicção dos prelados dos territorios em que se estabelecem, conforme determina a regra do seu proprio instituto.

Não insisto sobre este ponto, aliás importantissimo, porque a assembléa pelas suas repetidas demonstrações de applauso, que muito me penhoram, revela que está profundamente convencida da verdade das minhas apreciações.

*
* *

Passo agora a analysar o argumento capital, em que os illustres relatores se estribam para provarem, «com todos os visos de certeza», a incompetencia e falta de habilitações dos missionarios portuguezes de Sernache, que se procura sempre pôr em confronto com os estrangeiros...

Ouçamos, porém, as proprias palavras dos illustres relatores, para em nada attenuarmos a força irresistivel da sua peregrina argumentação, formulada na seguinte pergunta e na resposta immediata:

«Mas, voltando ao collegio das missões, perguntâmos, corresponde elle ao ideal de um seminario superior de missões?

«De certo que não. Não tem estudos completos, pelo menos praticamente, e aqui temos uma prova. Afóra a personalidade singular, na esphera propriamente missionaria do ex.mo bispo prelado de Moçambique, quando aqui vinha á nossa Sociedade tomar parte em nossos trabalhos e fornecer-nos valiosas contribuições, os missionarios do collegio nada communicam á nossa Sociedade. Temos aqui visto os superiores das grandes missões de Africa, apresentando-se á Sociedade para valiosas communicações; por ellas e pelos trabalhos dos exploradores conhecemos a nossa Africa; dos missionarios do collegio pouco ou nada nos tem chegado. Não se pense que esquecemos os illustres missionarios, hoje ex.mos bispos de Macau e Cochim. Esses participaram da disciplina dos rev. padres jesuitas, quando dirigiram o collegio das missões, do qual ainda aproveitou as tradições o ex.mo prelado de Moçambique. Esses fundaram as missões de Timor com pessoal do collegio das missões, e que ali têem feito bons serviços. Em Africa, porém, nada similhante existe. A mesma missão de S. Salvador vegeta por falta de todos os elementos missionarios, todos em Africa indispensaveis.

«A conclusão é que esse pessoal não vae preparado para a Africa, nem por lá gasta a vida.»

Já aqui disse, que os illustres relatores desconhecem os estatutos do collegio de Sernache e o programma de estudos ali professados. Vou demonstral-o, como demonstrarei quanto assevero.

Ha dois cursos, um de preparatorios e outro de sciencias ecclesiasticas, distribuidos em nove annos.

O curso de preparatorios, que comprehende seis annos, não abrange menos disciplinas do que qualquer outro dos differentes seminarios diocesanos.

Estuda-se a physica e chimica, e pratica-se nos gabinetes respectivos. Estuda-se a historia natural, e tem-se formado collecções mineralogicas e botanicas importantes.

O illustrado e infatigavel director do museu botanico de Coimbra, o benemerito dr. Julio Henriques, poderá attestar ácerca do valor e variedade d'estas ultimas collecções.

Ha um museu ethnographico e de productos agricolas das nossas colonias.

Ha uma escola pratica de photographia, construida a expensas do respectivo professor, o zeloso, desinteressado e benemerito missionario Marcellino Marques de Barros.

Se não ha mais officinas e escolas praticas, é porque me têem sido recusados os indispensaveis recursos, que se têem escoado por outras mãos, seguindo mui diverso destino, como ainda demonstrarei.

Durante os tres annos do curso de disciplinas ecclesiasticas, frequentam tambem os alumnos aulas de sciencias medicas, distribuidas pelos tres referidos annos, conforme o programma que consta dos estatutos.

Estas aulas, fornecidas dos competentes manequins e plantas anatomicas, funccionam regularmente desde o principio da minha administração.

Adduz-se, é verdade, uma prova esmagadora da insufficiencia d'esses estudos, pelo menos praticos, e que consiste na falta de communicações á nossa Sociedade de Geographia.

A essa falta, se o é, e quando muito, venial, que aliás não póde provar a incompetencia de quem quer que seja, respondem eloquentemente os dignos professores de Sernache no protesto, que será publicado em seguida a esta minha exposição, que não desejo alongar. Limito-me, por isso, a chamar para este documento as attenções dos nossos illustrados consocios.

Emquanto ás menções e omissões, que se notam no celeberrimo relatorio, muito haveria a dizer.

Fingem os illustres relatores não esquecer os benemeritos bispos de Macau e de Cochim, porque seria inutil tal esquecimento; são sobeja e vantajosamente conhecidos em todo o paiz e fóra d'elle. Não obstante, nada consta de quaesquer communicações que hajam feito directamente á nossa Sociedade de Geographia.

Contando-os, porém, o nosso collegio de missões no numero dos seus filhos mais prestimosos e distinctos, pretendem usurpar-lhe ou attenuar-lhe essa gloria, dizendo que «participaram da disciplina dos rev. padres jesuitas quando dirigiram esse collegio».

Em homenagem á verdade, cumpre-me dizer que o actual collegio das missões ultramarinas estabelecido em Sernache do Bomjardim nunca foi dirigido superiormente por qualquer congregação religiosa, nem mesmo pelos rev. padres da companhia de Jesus.

Estiveram ali, ha mais de vinte annos, alguns d'estes padres, mas no exercicio do magisterio; e, ainda não ha muito, foram ali transitoriamente dois antigos professores, ambos elles portuguezes, e nada notaram de inconveniente ou desfavoravel, nem no ensino nem na disciplina. Bem pelo contrario, e com a maior espontaneidade, fizeram a tal respeito as mais lisonjeiras e categoricas declarações.

Nas questões, pois, relativas a nacionalidade e ao padroado eu não me arrecéio, nem dos jesuitas nem de qualquer outra congregação, comtanto que os padres que a constituam sejam portuguezes.

Penso assim, *porque* considero impossivel, a não ser por aberra-

ção excepcional, que um coração bem formado renegue a sua patria. Sou justo para com todos.

Dos jesuitas fallo com inteiro desassombro, porque não frequento as suas casas, nunca solicitei pessoalmente os seus favores, nem preciso da sua influencia para cousa nenhuma absolutamente.

Vejo, porém, pela lição da historia, que os jesuitas portuguezes prestaram relevantes serviços nas missões da Asia, e nomeadamente da China, sendo sempre strenuos defensores do padroado.

Nos tempos modernos e mesmo na actualidade, observo ainda, que elles têem procedido correctamente e com bom criterio, substituindo todos os superiores estrangeiros, que a principio tinham á frente das suas casas, por superiores exclusivamente portuguezes.

Coherente com este, ha um outro facto, que me fôra relatado por pessoa digna de todo o credito, e que se refere aos missionarios jesuitas estabelecidos na prelazia de Moçambique. Estes missionarios estavam subordinados a um provincial estrangeiro residente na cidade do Cabo; e por occasião do famoso *ultimatum* inglez, exerceu-se pressão sobre este provincial para que influisse n'esses seus subordinados no sentido de contrariarem os direitos e influencia de Portugal nos territorios, cuja soberania nos era contestada. Tanto bastou, conforme nos foi asseverado, para que a jurisdicção, que era exercida na cidade do Cabo por um provincial estrangeiro, fosse transferida para um provincial portuguez, residente em Lisboa.

Todos estes factos, muito significativos e caracteristicos, vem em abono das minhas graves apprehensões e justificam os fundados receios de confiarmos á tutela de estranhos os direitos e interesses vitaes da nossa nação.

Mas, voltando ainda ao relatorio africano, achâmos notavel e extraordinario, que, tendo os reverendos padres jesuitas ensinado muitos alumnos no collegio de Sernache, só se mencionem dois, hoje benemeritos bispos de Macau e Cochim, que participaram da disciplina d'esses padres...

Não é menos notavel, nem menos extraordinario, que, tendo o mesmo collegio educado muitissimos alumnos, posteriormente á saída d'esses reverendos padres, só se mencione um, o digno bispo de Himeria, «que aproveitou as tradições...»

A este respeito, parece-me estar vendo este nosso digno consocio e bondoso prelado dirigir-se, muito surprehendido, aos illustres relatores, dizendo-lhes com aquella encantadora e candida singeleza, que tanto o caracterisa:

—Meus senhores, no tempo em que os reverendos padres jesuitas estiveram no collegio de Sernache, ainda eu não era nascido!...

—Que importa?!... (Redarguir-lhe-hão). Se não foste tu, foi teu pae!...

E é por esta fórma tyrannica, que pretendem extorquir ao collegio de Sernache, por «fas» e por «nefas», a gloria de haver educado um filho tão prestimoso e distincto, «esse modelo dos missionarios; *(Apoiados.)* que figuraria com honra e applauso entre os melhores das primeiras missões do mundo *(Apoiados.)*», e que, «por tudo e em tudo mostra que não é só o bom missionario, o patriota ardente, que é a par de tudo isso um moderno e proficiente homem de sciencia». (Sr. conselheiro Barros Gomes, discursos parlamentares sobre a concordata, *Annaes*, tomo II, pag. 61 e 63.)

Mas é notavel ainda que, sendo os illustres relatores tão prodigos de encomios para com os missionarios estrangeiros, restrinjam os merecimentos e serviços da «personalidade singular» do dignissimo bispo de Himeria (Barroso), apreciando sómente os seus trabalhos e valiosas communicações, feitas perante a nossa Sociedade de Geographia.

Nem uma palavra ácerca dos relevantes serviços por elle prestados, em prol da civilisação africana e da influencia portugueza, n'essas inhospitas paragens, em que gastára os melhores annos da vida e compromettêra a saude, ultrapassando muito o tempo de serviço obrigatorio.

Mas, para supprir estas deficiencias e omissões, para preencher essas lacunas, que parecem propositadas, ahi estão os discursos parlamentares, a que já nos referimos, ahi estão os *Annaes das missões portuguezas*, ahi estão os proprios *Boletins* da Sociedade de Geographia, que attestarão ao paiz, e o convencerão, de que os serviços prestados em Africa pelos missionarios portuguezes não podem ser taxados com o deprimente «nada» do relatorio, e que antes lhes conferem justo titulo á benemerencia nacional.

Querem provas d'esta asserção? Compromettêra-me eu a dal-as de todas as minhas affirmativas e vou desempenhar-me mais uma vez d'este solemne compromisso, contrahido perante esta respeitavel assembléa.

Essas provas encontram-se, eloquentissimas, nos preciosos discursos, já citados, em que se encarecem os numerosos e interessantes trabalhos do missionario Marcellino M. de Barros, e as noticias preciosas para a geographia e ethnographia de Africa, ministradas pelo nosso padre Sebastião Pereira, e em que se menciona a «relação da viagem de Benguella ao Bihé feita pelos padres (todos do collegio de Sernache) José Antonio Fidalgo e Joaquim Nunes Bernardo, a viagem a Gallangue do padre Joaquim Folga, em que o paiz dos gan-

guellas e toda aquella região, limitada a leste pelo Cubango, nos apparece descripta por modo tão interessante e instructivo».

Referindo-se em seguida ao «relatorio da memoravel missão de Timor, fundada em 1876 pelo actual bispo de Macau, D. Antonio Joaquim de Medeiros, e á frente da qual tem permanecido o benemerito sacerdote, que este ministerio teve a honra de propor á corôa para bispo de Cochim, esse homem verdadeiramente evangelico», a quem tece os mais rasgados e muito merecidos elogios, exaltando o seu prestigio, a proposito do assassinato do governador Maia, o mesmo illustrado parlamentar e distincto ministro d'estado acrescenta as justas considerações seguintes, que servirão de correctivo ao relatorio:

«Este homem é um missionario superiormente illustrado, como o são em geral todos os outros ecclesiasticos a que me refiro, porque elles n'estes relatorios, a par da menção de seus trabalhos apostolicos, acrescentam noticias valiosas para a geographia de Africa, ou das nossas possessões em outras regiões do globo. Todos elles nos dão noções ácerca das condições em que vivem aquelles povos e fornecem-nos elementos para apreciar a possibilidade e conveniencia de desenvolver ali o commercio; todos dão indicações que ministros, legisladores e governadores do ultramar podemos e devemos aproveitar para melhorar a nossa situação e accentuar a influencia portugueza n'aquellas regiões.» *(Annaes,* cit. pag. 61).

Isto é dito com inteira justiça por quem tem verdadeiro conhecimento de causa, e cujo testemunho não póde ser averbado de suspeito para os illustres relatores, que, partindo de premissas falsas, tiraram a falsa conclusão de que o pessoal do collegio de Sernache não vae preparado para a Africa, não tem estudos completos, não sabe, por isso, fazer communicações, e não tem prestado em Africa o menor serviço, sendo este classificado com um «nada...» triste epitaphio, como o que, Pelletan diz, um monge escrevêra sobre uma porta de Roma: *«umbra et nihil...»*

Este «zero» será, porém, substituido por importantes titulos, valorisados pelo mesmo e insuspeito parlamentar, que, referindo-se aos trabalhos dos missionarios de Sernache, em Africa, diz textualmente o seguinte:

«Isto são titulos com que estes e outros missionarios estão fazendo valer e justificando os direitos que exercemos, *(Apoiados.)* são os titulos que devemos e saberemos apresentar em Roma, e perante o mundo, para manter a integridade do nosso padroado em Africa, como não devemos deixar de mantel-o. *(Muitos apoiados.)»* *(Annaes,* cit. pag. 63).

Então os missionarios de Sernache forneciam titulos valiosos para

justificarmos os nossos direitos e mantermos a integridade do padroado em Africa...

Hoje, porém, qual é o processo pratico e efficaz, recommendado pela «opinião prudente e entendida» dos illustres relatores?!... Essa opinião acha-se explanada no relatorio (pag. 18), em que se pretende demonstrar a conveniencia de reservar ao nosso seminario de missões uma area mais restricta, que abranja apenas os serviços religiosos do padroado do Oriente...

Aventa-se uma tal opinião, quando as questões do padroado do Oriente estão reguladas pela ultima concordata, e quando em Africa surgem recentes contestações, como são as que o relatorio (pag. 11) menciona, relativas ás prefeituras apostolicas estabelecidas em territorios portuguezes.

A este respeito, e como unica expressão do pasmo, que me assombra, sejam-me permittidas estas simplices exclamações:

*Mutantur tempora et nos mutamur in illis!...*

*Alteri tempi, alteri pensieri...*

*
* *

Mas, terminemos a fastidiosa analyse do decantado relatorio. Confessa elle, e mui intencionalmente, que o pessoal do collegio das missões tem feito em Timor bons serviços.

A conclusão a tirar seria, que este pessoal vae bem preparado para o Oriente, e que tem estudos completos, etc.

Mas a conclusão a que os illustres relatores intentam chegar, é muito outra, pois pretendem justificar, ou pelo menos colorir a tal «opinião prudente e entendida» de restringir ao Oriente a acção dos missionarios portuguezes.

Estes argumentos, porém, são capciosos e illusorios: tão preparados vão os nossos missionarios para o Oriente, como para a Africa; o pessoal docente é o mesmo, os processos de ensino os mesmos tambem exactamente, assim como identicas são as provas a que se submettem.

Das mesmas premissas, portanto, não podem deduzir-se logicamente conclusões oppostas. Se os nossos missionarios vão mal preparados para a Africa, mal preparados irão tambem para o Oriente. Se vão bem preparados para o Oriente, bem preparados irão tambem para a Africa. A mesma causa ha de produzir necessariamente os mesmos effeitos.

Como este raciocinio não tem resposta possivel, tem-se procurado sophismar e embrulhar a questão, attribuindo-se á falta de habilitações, de competencia e de aptidão o que não é senão deficiencia de

meios e condições indispensaveis para que a nossa acção missionaria se manifeste e dê proficuos resultados. Assim é, que onde os nossos missionarios dispõem d'esses meios e condições, os respectivos serviços se desenvolvem e prosperam, como acontece em Timor, Cochim e Meliapor.

Onde, porém, como acontece na Africa, escasseiam os necessarios recursos, os nossos missionarios não podem fazer milagres, a não ser por meios sobrenaturaes.

Empraso os illustres relatores a tentarem uma experiencia: colloquem os mais doutos e zelosos missionarios estrangeiros nos sertões africanos, exactamente no mesmo meio e nas mesmas condições, em que se encontram os nossos, e veremos os resultados estupendos, que são capazes de realisar.

Só assim poderemos fazer confrontos justos e parallelos imparciaes.

Já vêem, pois, os illustres africanistas, que a conclusão a que quizeram chegar, — affirmando a incompetencia, inhabilidade e inferioridade do missionario portuguez, não é verdadeira, pois que se baseia em premissas erradas, em equivocos manifestos e sophismas transparentes, que só illudem a quem quizer illudir-se.

A conclusão pratica, portanto, que deveriam tirar, se quizessem proceder com rigor logico, seria habilitarem os nossos missionarios com todos os meios e instrumentos de trabalho indispensaveis para manifestarem e desenvolverem a sua acção civilisadora.

N'estas condições acceitâmos todos os confrontos e parallelos, que lhes aprouver estabelecer.

Ainda assim, e não obstante a desigualdade de condições em que se encontra o nosso pessoal missionario, demonstrarei até á evidencia, que não envergonha, nem deslustra a nação, apesar de se pretender esconder e sonegar os seus serviços.

Assim, relativamente aos assignalados serviços prestados pelos benemeritos bispos de Macau e Cochim (omittindo-se aliás o de S. Thomé de Meliapor), o relatorio em discussão só diz que fundaram as missões de Timor. Como, porém, estas missões foram fundadas pelo digno bispo de Macau, conforme já tivemos occasião de notar, nenhuma parcella de serviços, nem de gloria restaria para o benemerito bispo de Cochim.

Pela minha parte protesto reivindicar para elle os direitos, que lhe pertencem, e a justiça, que lhe é devida.

O pouquissimo que disseram do bispo de Macau, ainda foi cerceado e dividido, como se fosse muito attribuir só a elle a gloria de fundar as missões de Timor.

Tendo propalado que o pessoal das nossas missões não gasta a vida na Africa, nem ao menos apontaram um só exemplo de excepção, quer n'esta nossa possessão, quer nas do Oriente, onde tantos exemplos abundam.

O bispo de Macau ha mais de vinte annos que trabalha nas missões do Oriente com zêlo verdadeiramente evangelico, tão perseverante e infatigavel, que arrosta todo o genero de perigos, transpondo invias montanhas, atravessando pantanos pestiferos, sem que as febres, que muitas vezes lhe alquebram o corpo, consigam subjugar seu animo energico e resoluto. É que predomina n'elle uma febre mais intensa, mais forte, que o devora no mais intimo da sua alma, qual é a de dilatar o imperio da cruz e a influencia do nome portuguez!

Em 21 de dezembro de 1884, no relatorio a que já me referi, dirigido ao governo, ha mais de oito annos, dizia elle estas memoraveis palavras, que devem e merecem ser repetidas: «que trabalha ha mais de doze annos nas missões portuguezas e está disposto a gastar n'ellas o resto da sua vida».

Não serei eu que faça o devido commentario a este acto de verdadeira abnegação, que os factos subsequentes se têem encarregado de confirmar.

Terá ainda a palavra o distincto parlamentar e estadista, que hoje preside á commissão africana, e que nos seus já citados discursos dizia o seguinte:

«Nós temos gente d'esta, que assim procede em frente de um paiz desattento, desinteressado infelizmente do que podia ser um elemento vital para manter e alargar a sua influencia politica e colonial! *(Apoiados.)*

«Isto deve dizer-se uma e muitas vezes, e por isso me empenho em chamar a attenção de todos os poderes do estado, em despertar a sympathia publica por factos d'esta ordem, a que todos os povos estão dando a maxima attenção como assumpto da maior magnitude, porque vêem n'elles o primeiro e mais essencial elemento de influencia politica, motivo por que os governos têem restricta obrigação de curar d'este assumpto.» *(Annaes,* tomo II, pag. 64).

«Isto deve dizer-se uma e muitas vezes», recommendava o esclarecido ministro d'estado e actual presidente da commissão africana; mas os illustres relatores não quizeram ouvil-o, nem mesmo ler o que está impresso em differentes documentos officiaes...

Nem por isso, ainda assim, o fulgurante sol da verdade e da justiça deixará de despontar nos limpidos horisontes da historia patria, desassombrado d'essas negras nuvens, com que se pretende offuscal-o e empanar-lhe o brilho...

Desejaria agora occupar-me largamente do benemerito bispo de Cochim e dos seus prestimosos cooperadores, já que nenhum quinhão lhe foi reservado na folha dos serviços publicos, prestados em prol da religião, da civilisação e da patria. Para supprir esta deficiencia e omissão, tenho colligido muitas notas, que poderão ser intercaladas no meu discurso e publicadas opportunamente.

Receio, attento o adiantado da hora, que a assembléa esteja fatigada de me ouvir; e não desejo abusar da attenção, com que se tem dignado escutar-me, nem desmerecer as provas de benevolencia, que me tem prodigalisado. Aguardo, portanto, a resolução da assembléa, para proceder n'essa conformidade.

*Muitas vozes:* Falle, falle; desejâmos ouvir tudo.

Agradeço esta nova prova de benevolencia e o vivo interesse que esta illustrada assembléa manifesta por esta importante questão.

*
* *

Fallarei, portanto, do apostolico e não menos benemerito bispo de Cochim, D. João Gomes Ferreira. Ha dezoito annos, que partiu como simples missionario para o ultramar, de onde sómente regressou á metropole, ha pouco mais de um anno, depois de tão longa ausencia, para tratar, ainda assim, de negocios importantes relativos ao padroado, alguns dos quaes tinham sido já resolvidos favoravelmente e outros estavam em via de solução satisfactoria para Portugal.

Dos seus longos e assignalados serviços como professor do seminario de Macau, missionario e superior da missão de Timor, existem documentos numerosos, alguns dos quaes se encontram nos *Annaes das missões.*

O mesmo governo portuguez deu testemunho publico e official d'esses importantes serviços, conferindo-lhe distincções honorificas, que não usa, e nomeando-o depois bispo de Cochim.

Farei uma succinta resenha dos seus mais notaveis serviços e dos seus cooperadores de Sernache, para nos convencermos cabalmente de que não tem sido curta, nem esteril, nem contraproducente a sua administração, como prelado do Indostão.

Sagrado bispo em Macau, seguiu directamente para a sua diocese, em merecido especial cuidado e predilecção a instrucção e educação da juventude.

Os desherdados da fortuna, os orphãos, encontraram n'elle, desde logo, os affectos, desvelos e carinhos, proprios de um pae solicito e amoravel Determinado por estes elevados sentimentos de caridade e

intuitos humanitarios, tratou de fundar um orphanologio, para o qual fez logo acquisição, a expensas suas, de uma typographia completa, em que os proprios orphãos imprimem dois jornaes. Um publica-se na lingua portugueza e denomina-se *O vinte e tres de novembro,* titulo allusivo ao dia auspicioso de seu feliz ingresso na diocese.

Outro, publica-se em inglez, por ser a lingua predominante, e intitula-se *The Catholic Union,* redigidos ambos por missionarios portuguezes, consagrando-se notavelmente, por isso mesmo, a propugnar pelos interesses religiosos e politicos da nação portugueza.

Compulsando esses jornaes, encontram-se n'elles noticias interessantes, que merecerão as nossas sympathias e adhesões.

Resumindo os principaes serviços prestados pelo nosso venerando bispo, e pelos nossos missionarios, chegaremos á averiguação dos seguintes factos, que são eloquentissimos:

I

Fundação em 1888 do collegio de Santa Cruz, que foi elevado á categoria de escola superior, e que é reconhecido e subsidiado pelo governo inglez, que, como se sabe, é exigentissimo em assumptos d'esta ordem.

Observa-se o programma inglez, que é de um rigor pratico extraordinario.

N'este instituto professam-se tambem outras disciplinas preparatorias, que habilitam os alumnos ao ingresso no seminario diocesano.

Este collegio foi frequentado no penultimo anno por trezentos alumnos, sendo trinta e quatro internos e vinte e seis os que se habilitaram no anno ultimo, para o exame chamado de matricula exigido no ingresso da universidade.

Uma nota curiosa.

Em todo o Malabar, existia apenas uma banda militar do rajha de Travancore.

Hoje está estabelecida no collegio de Santa Cruz uma banda de musica, e estabeleceu-se outra no orphanologio, a cujos alumnos o nosso bispo enviára de presente, logo que chegou a Lisboa, todos os instrumentos necessarios.

II

Collegio de Santa Maria para o sexo feminino, com dez mestras para a escola chamada Europêa, frequentada por cento e sessenta alumnas. N'este collegio ha tambem uma escola nativa, gratuita, frequentada por mais de cem alumnas e com um internato de vinte e quatro orphãs, filhas adoptivas do nosso apostolico e benemerito bispo.

III

Orphanologio em Allapé com uma escola até ao grau denominado *Lower secundary,* onde ha seis professores. N'este sympathico instituto, para em tudo ser benefico, ha uma escola industrial, gratuita, que tem sido subsidiada pelo governo de Travancore.

Tem as seguintes officinas: de ferreiro, carpinteiro, torneador em ferro e madeira, galvanisador, gravador, alfaiate, typographo e encadernador.

É frequentada por sessenta alumnos, sendo vinte e dois os orphãos, e tem sido dirigida por intelligentes e zelosos missionarios do nosso collegio de Sernache do Bom Jardim.

Poderia mencionar ainda varias escolas anglo-vernaculas, como, por exemplo: uma em Caringolan (costa Trivandrum), frequentada por mais de duzentos alumnos; uma em Idacochi, outra em Manacheira, subsidiada pelo nosso bispo, e que por isso se denomina Gomes Ferreira, nome d'este generoso prelado portuguez.

Desejaria fallar da sua abnegação, se não me víra forçado a confessar, que ha uma cousa, em que elle tem revelado uma ambição desmedida, insoffrida mesmo, e que consiste em angariar recursos e accumular meios de fortuna, mas... para sustentar os seus queridos orphãos!... Santa ambição!

Longe de aspirar a desfructar commodidades, n'essas paragens em que tem lisonjeira situação, veiu á Europa, foi a Roma, veiu a Lisboa, para trabalhar na resolução de graves questões, que interessam á sua diocese, e que interessam ao padroado portuguez.

Antes, porém, de se separar dos seus filhos adoptivos, quiz dar-lhes provas positivas do seu amor, da sua inexaurivel caridade, repartindo por elles metade da sua congrua.

Resolvidas algumas questões, que estavam pendentes, e depois de ter abraçado seu velho e honrado pae, que viera expressamente da America, para se despedir, talvez para sempre, do saudoso filho, de que estivera separado dezoito annos, elle regressou, pressuroso, para junto da nova familia, que a religião e a caridade confiou aos seus desvelos e solicitude.

Posso assegurar mesmo, que estava ancioso, impaciente (se n'elle póde haver impaciencias que não sejam santas) por que não se retardasse esse dia, pois que estava tambem empenhado em applicar os meios, que obteve na metropole, para edificação da sua cathedral e do seu seminario, empreza, em que tem encontrado as maiores difficuldades e até desgostos!...

Entretanto, não dorme, indolente, sob os louros já conquistados, posto que tivesse direito a um justo repouso.

A sua benefica acção continúa a exercer-se, perseverante e infatigavel, em favor dos seus amados orphãos, que não esquecia, que não abandonava, ainda quando ausente e distante d'elles, porque os trazia sempre na sua lembrança e no seu pensamento. Posso dar d'isto testemunho presencial.

Não faço rhetorica, porque a ella deve attribuir-se uma grande parte dos desastres, e funesta influencia nas graves calamidades, que a patria está padecendo. Miro a fim mais alto: refiro factos e adduzo provas, e com ellas na mão, venho solicitar a valiosa cooperação, que espero da Sociedade de Geographia.

Trata-se de uma subscripção, que o nosso bondoso bispo tem promovido entre os seus parentes e amigos em favor dos seus orphãos. Toda a sua familia, que é abastada e generosa, tem já contribuido largamente, distinguindo-se um seu irmão, que em tudo sabe sel-o, e que offertou 500$000 réis.

Desculpem elles a indiscrição, que, se fere a virtude da modestia, exalça outra virtude mais nobre e essencialmente christã, — a caridade!

Creio, pois, e espero, que todos se associarão, do coração, com os recursos da sua larga iniciativa e influencia a esta obra, que é humanitaria, que é meritoria, que é patriotica, porque é do padroado portuguez.

Se fôra possivel, eu a imporia mesmo, como penitencia reparadora e salutar, aos illustres relatores, se porventura elles quizessem reconhecer e acceitar a minha jurisdicção.

O sr. *Fernando Pedroso:* — Acceito.

Muito agradeço, por mim, este acto de caridade, e agradeço-o tambem, em nome do venerando e reconhecido bispo de Cochim e dos seus queridos orphãos, pois conheço os nobilissimos sentimentos d'este respeitavel prelado, e estou intimamente convencido, de que elle, com sua mão bemfazeja, nos abençoará a todos, dando-nos exemplos praticos e levantados estimulos do amor da religião e do amor da patria, consubstanciados em santa e indissoluvel união.

Desejaria poder terminar hoje as minhas considerações e completar o pensamento, que me determinou a pedir a palavra, mas, visto V. ex.ª, sr. presidente, declarar, que deu a hora, peço se digne reservar-me a palavra para a proxima sessão.

SESSÃO DE 20 DE ABRIL DE 1893

Sr. presidente. — Proseguindo no uso da palavra, vou, na conformidade das praxes, mandar para a mesa a seguinte

**Moção de ordem**

«A Sociedade de Geographia de Lisboa, compenetrada de seus altos deveres:

«Considerando que o decreto, com força de lei, de 3 de dezembro de 1884, determina expressamente, no artigo 1.º, que:

«O collegio das missões ultramarinas portuguezas, estabelecido em virtude da carta de lei de 12 de agosto de 1856, em Sernache do Bom Jardim, tem por fins a educação intellectual e moral, e a ordenação dos mancebos europeus que se queiram dedicar ao sacerdocio, para satisfazer ás necessidades religiosas do real padroado na Africa, Asia e Oceania, *e é o ponto central de todos os trabalhos religiosos nas possessões portuguezas;*

«Considerando quanto esta indispensavel unidade de acção, accentuada e genuinamente portugueza, importa aos interesses vitaes da nação, á manutenção dos nossos direitos de soberania e dominio ultramarino, ao decoro e credito do clero e do povo portuguez:

«Resolve:

«1.º Que todas as propostas da commissão africana, ou quaesquer outras, que se votarem, sejam subordinadas á exacta e fiel observancia d'aquelle preceito legal, em vigor, e conducentes ao necessario desenvolvimento e aperfeiçoamento possivel d'aquelle instituto missionario nacional, e dos que legalmente se crearem para o mesmo fim.

«2.º Que n'este sentido se represente ao governo.=*Antonio José Boavida.*»

Se esta minha moção de ordem carecesse de justificação, bastaria ponderar simplesmente: que a Sociedade de Geographia de Lisboa não é, nem pode ser um fóco de conspiração contra as leis vigentes do reino.

Convencido, pois, de que essas leis serão devidamente acatadas e observadas, passo a satisfazer um outro dever de agradecimento e urbanidade para com esta esclarecida e respeitavel assembléa.

Senhores e amigos: sim, amigos; e n'esta palavra accentuadamente portugueza, —porque traduz fielmente a verdade do sentimento que a inspira,— vae implicita e explicita a minha gratidão para com os meus muito prezados consocios, que se dignaram dar-me na ultima sessão taes provas de benevolencia e demonstrações de applauso, que não posso deixar de confessar-me profundamente penhorado e reconhecido para com todos. Para com todos, sem excepção alguma; e tenho até muito prazer em incluir no meu agradecimento o relator do parecer, o sr. dr. Fernando Pedroso, que no final da ultima sessão praticou simultaneamente duas virtudes, eminentemente christãs: a virtude da humildade e a virtude da caridade.

A virtude da humildade, acceitando a minha jurisdicção, para lhe impor uma penitencia salutar. A virtude da caridade, promptificando-se a contribuir com uma esmola para os orphãos do respeitavel bispo de Cochim.

Por estes motivos e interpretando os generosos sentimentos dos missionarios portuguezes, que tão maltratados foram, apesar de estarem luctando nos sertões com innumeras contrariedades, desprovidos de protecção humana, eu, em nome d'elles, não hesito em perdoar todas as injustiças, todos os aggravos, ainda que immerecidos, que lhes foram feitos pelos dois illustres relatores.

Eu não conheço pessoalmente o sr. Pereira do Nascimento; e por isso não descortino bem, quaes as rasões especiaes, que o induziram a deprimir os missionarios portuguezes, não só no relatorio, mas ainda na imprensa periodica. Compungiu-me profundamente este duplo aggravo, que, com toda a sinceridade, desejo tambem perdoar, impondo uma simples condição, qual é: não haver reincidencia, nem obstinação no delicto. As proprias leis da egreja denegam absolvição aos reincidentes e obstinados.

Pela minha parte, não sinto animosidade alguma contra os illustres relatores, nem nutro a menor indisposição pessoal contra o sr. Pereira do Nascimento. Bem pelo contrario. Declaro até, que sympathiso muito com este significativo nome: «Pereira do Nascimento»...

Sim: Pereira do Nascimento quer dizer planta nativa, nacional, indigena, ou, como vulgarmente se diz, planta «do seu pé».

Se eu possuira titulos, que me auctorisassem a solicitar um obsequio, com esperança de ser attendido por s. ex.ª, pedir-lhe-ía com o maior encarecimento: que conservasse a indole primitiva, a pureza original, não tolerando enxertos exoticos, que, ou não se acclimam no nosso especialissimo torrão, ou, quando muito, produzem fructos rachiticos, degenerados, azedos, mal sazonados e indigestos... O pedido ahi fica, e oxalá que os meus votos sejam satisfeitos.

Permittam-me agora, que me refira ao seu grave peccado de omissão, que affecta o nome e os creditos do ex.mo bispo de S. Thomé de Meliapor, e que, sendo-lhe reservado, eu não tenho competencia para absolver. Desejarei em todo o caso, que essa falta não fosse intencional. Mas custa realmente a crer, que esquecessem um nome tão conhecido, e que o não mencionassem, ao menos, por ter participado mais proximamente das tradições dos rev. padres jesuitas, como alumno do collegio das missões, mais antigo, do que ex.mo bispo de Himeria.

Tanto mais me surprehende este esquecimento e omissão, quanto é certo, que o primeiro relator cultivava as intimas relações de convivencia com este generoso prelado; e d'isto posso prestar testemunho

presencial, e sem a menor indiscrição; pois que lhe dera tambem demonstrações publicas de sympathia e apreço na sua propria despedida, assistindo, como costuma dizer-se, ao seu «bota-fóra».

Mas, tão radical, tão completo fôra esse «bota-fóra», que até se tornára extensivo e produzíra os seus effeitos no proprio relatorio da sub-commissão africana...

Entendo dever, portanto, preencher essa notavel lacuna; mas farei toda a diligencia para que as minhas considerações sejam o mais succintas possivel, não só porque não desejo protelar o debate, senão tambem porque estou ancioso por ouvir os oradores, que se acham inscriptos, para opportunamente lhes responder.

Por este motivo desisto de expender o que ainda me restava relatar ácerca do ex.$^{mo}$ bispo de Cochim, limitando-me apenas a alludir a um facto, que demonstra cabalmente o interesso e estima, que tem pela nossa Sociedade:

Refiro-me á offerta de interessantes e valiosas collecções para o nosso museu — facto este, que muito folgo de ver confirmado pelo testemunho do illustrado e zeloso secretario perpetuo da nossa Sociedade.

*
* *

Restringirei, pois, o muito que poderia dizer ácerca do ex.$^{mo}$ bispo de S. Thomé de Meliapor e dos zelosos e intelligentes missionarios portuguezes, seus valiosos auxiliares; sendo que podem applicar-se-lhe *mutatis mutandis* algumas das considerações já expendidas, com relação ao ex.$^{mo}$ bispo de Cochim.

Fundou, como elle, dois jornaes, um, na lingua portugueza, redigido por padres portuguezes, e que é orgão official da diocese. Outro, em lingua ingleza, tambem redigido por padres portuguezes, e que é um dos melhores do Indostão, conforme a opinião insuspeita de um jornal americano, denominado «Ave Maria».

Tão proficientemente tratára esse jornal a questão do padroado, que contribuiu muitissimo para a sua solução satisfactoria.

Se os illustres relatores quizessem ter-se dado ao trabalho e incommodo de compulsar estes jornaes e outros documentos, teriam conhecido e reconhecido, que a acção dos missionarios portuguezes não tem sido, nem é tão esteril e deprimente, como se afigurou á sua fecunda imaginação. Quero antes attribuir isto á deficiencia de esclarecimentos e á inexactidão de informações, que a um proposito deliberado de má fé ou má vontade.

*Mas, prosigamos.*

Fundou tambem o seminario diocesano com internato; sustenta m lyceu, que habilita para a universidade; orphanologios para os ois sexos; asylos para velhos e velhas; e até um laboratorio pharmaeutico, em que se ministram remedios gratuitos aos pobres.

Em Calcutá sustenta tambem um lyceu com internato para menias e escolas para os dois sexos. Em summa, todas as missões posuem escolas e institutos de disciplinas preparatorias, dirigidos por issionarios portuguezes, que seguramente não envergonham, antes obilitam a nossa nação, fazendo assim valer, perante a Santa Sé e erante o mundo civilisado, os direitos, que adquiriramos, ao padroado.

De todos os factos, que tenho exposto, inspirando-me sempre no espirito da justiça e no criterio da verdade, resulta logicamente a conclusão de que os missionarios portuguezes, educados todos pelos mesmos processos de ensino, produzirão em Africa fructos de civilisação e progresso, identicos aos que têem produzido em Timor, em Cochim e Meliapor.

O unico problema, pois, a resolver praticamente, é ministrarem-lhes os mesmos meios e recursos e collocal-os nas mesmas condições, em que se encontram os que trabalham n'estas missões. Será justo, m verdade, taxar de incompetente e inhabil o artista, a quem se recusam os necessarios materiaes e os indispensaveis instrumentos de trabalho?! Não confundam, portanto, questões completamente differentes.

Nem se infira que sou adverso, por systema, ou por qualquer outro motivo, ao necessario melhoramento de todos os serviços missionarios. Bem pelo contrario. Desde que fui encarregado do cargo, que estou exercendo, tenho envidado todos os esforços humanamente possiveis, para que taes serviços sejam ampliados e aperfeiçoados, em harmonia com as variadas e complexas exigencias das modernas missões.

Fallo com o desassombro proprio de quem timbra em cumprir com os seus deveres, não me cabendo, por isso, a minima parcella de responsabilidade, por se ter deixado de dar solução a tão momentosos assumptos.

*
* *

Se querem provas, se desejam julgar com justiça e conhecimento de causa, basta que leiam os documentos, compendiados nos tres volumes dos *Annaes das missões*, que tive a honra de offerecer á nossa Sociedade.

A collecção d'estes documentos, a que o sr. conselheiro Barros Gomes dera a bella denominação de *annaes da fé e do patriotismo*, fôra muito apreciada e recommendada por este illustrado estadista, quando, na qualidade de ministro dos negocios estrangeiros, defendia no parlamento a ultima concordata com a Santa Sé. (*Annaes*, tomo II, pag. 61).

O actual presidente do conselho de ministros, o sr. conselheiro Hintze Ribeiro, quando, na penultima vez, geriu a mesma pasta dos negocios estrangeiros, tambem apreciou os *Annaes das missões portuguezas*», dignando-se mandar remettel-os officialmente ao nosso zeloso embaixador em Roma, para serem presentes ao Summo Pontifice Leão XIII.

«A boa impressão produzida no animo do SS. Padre pela leitura d'aquelle importante documento» consta das proprias palavras da nota diplomatica, que o respectivo secretario d'estado endereçára ao nosso embaixador em nome de Sua Santidade (*Annaes*, tomo III, pag. 104).

Os illustres relatores, porém, absorvidos, porventura, em lucubrações mais transcendentes, não quizeram «curar d'estas cousas minimas», ainda que redundam em credito e proveito do padroado da India e da Africa, contribuindo assim a consolidal-o, como affirma a mesma nota diplomatica, por indicação expressa do sapientissimo Pontifice da egreja catholica.

Contrista realmente, que, n'um documento tão extenso, como o relatorio, que abrange 49 paginas, se omittam factos, que nos honram e glorificam, e se mencionem pequenas cousas, inuteis e inconvenientes, que tendem a depreciar os nossos meritos e os nossos serviços. É mau sestro nosso, já antigo e profundamente enraizado, que, como a nefasta *influencia*, vae invadindo todas as camadas sociaes.

Recordo-me, a proposito, das conceituosas palavras, que me dirigira o nosso embaixador em Roma, então sr. conde de Thomar, quando, em 1877, ali fôra propugnar pela conservação da diocese de Beja, que me estava confiada, e que era ameaçada de injusto exterminio. São caracteristicas estas palavras e inspiradas n'um sensato e verdadeiro criterio:

«Se cá fóra, no estrangeiro, se acreditasse o dizimo do que se propala em Portugal, em menoscabo das nossas cousas e descredito dos nossos homens publicos, seriamos tidos como um paiz de bandidos, ou de selvagens...»

A commoção, com que taes palavras foram proferidas, e que revelava o intimo pezar, que as dictára, produziu no meu espirito tão funda impressão, tão grande magua, que nunca mais estas palavras se apagaram da minha memoria.

E não serão acaso essas sentidas e patrioticas palavras confirmadas pela observação de todos os dias?!... Não diz, por exemplo, a experiencia, que os melhores productos das nossas industrias, para terem acceitação, para serem apreciados e vendidos rasoavelmente, precisam ter o rotulo, o distico e a *etiqueta* estrangeira?!...

Cumpre-nos, portanto, por decoro proprio, por dignidade nacional, sacudir esse jugo humilhante, emancipar-nos d'essa ominosa tutela, que pretende absorver-nos por todas as fórmas, e que chega a ter por fautores alguns homens, que se dizem portuguezes.

*
* *

Não aventâmos asserções que não possamos comprovar com factos e documentos incontroversos. Se, pois, exigem provas, aqui as apresentâmos.

No proprio dia em que n'esta casa principiou a discussão do relatorio (17 de abril), estampava o *Diario Popular* um communicado, que era um verdadeiro reclamo, assignado por um pupillo d'esses padres estrangeiros, que se apostaram em *salvar* as nossas colonias, e em quem, por isso, se concentra todo o patriotismo portuguez, aliás vedado aos seus alumnos portuguezes... É de advertir, que o referido pupillo, portuguez de nascimento, fôra formar o espirito e o coração á casa-mãe de Paris, que dos seus processos de educação patriotica nos fornece exemplares d'este quilate...

Inhibidos de reproduzir na integra esse curioso communicado, faremos alguns extractos principaes, para edificação da lusa gente:

...«felizmente devemos reconhecer aos missionarios estabelecidos nas nossas colonias a dedicação com que servem o nosso paiz podendo-lhes nós chamar patriotas, e não dizemos de mais, porque já Cameron, cuja auctoridade não podemos contestar nem offuscar, disse, após muitos outros viajeiros illustres, na ultima sessão da Sociedade de Geographia, que os exploradores não têem patria — trabalham a bem da humanidade: outro tanto, com muito mais propriedade, se póde dizer dos missionarios catholicos.»

Referindo-se depois aos estabelecimentos, que já possuem na metropole esses estrangeiros, verdadeiros compatriotas, apesar de não deverem ter patria, como missionarios catholicos, — diz ainda o mesmo ingenuo pupillo:

«Não são, porém, estes estabelecimentos considerados officiaes, e tudo nos leva a crer que seria uma boa medida da parte do governo a formação, no nosso seminario official de missões, de jovens que,

não tendo em vista mais tarde um logar rendoso no continente, cuidassem só na civilisação dos negros, sendo a maior alavanca para esta a abnegação de si proprios e o zêlo da instrucção independente dos interesses mesquinhos pecuniarios. Não será difficil encontrar homens para esta formação nos missionarios dedicados ao nosso paiz e com experiencia de Africa, que ha em a nossa colonia de Angola.»

A inculca está feita e o memorial só «espera receber mercê».

Para salvar e civilisar as nossas colonias ha remedio prompto e panacea infallivel. Chamam-se esses nossos patriotas, apesar de estrangeiros, que enxameiam, como abelhas, na provincia de Angola, e entregam-se-lhes todos os estabelecimentos officiaes de missões. Por esta fórma a solução do problema é certa, comesinha e facil. O resto irá por si mesmo.

Desde logo apparecerão missionarios, que não pensem em logares rendosos, nem no futuro (os que o tiverem assegurado), e que, em logar do fossil amor da patria, só trabalhem a bem da humanidade!...

Que importa o que o eminente cardeal Lavigerie, este moderno apostolo da civilisação africana, dissera aos missionarios, enviados em 1889 para o interior da nossa Africa: «não esqueçaes que vós tendes duas patrias; como homens, aquella que vos deu o dia e que para vós será sempre sagrada; como missionarios, aquella que vos abre as portas do apostolado»?...

Para este grande vulto, que fôra brilhante luminar da egreja e da França, e que não encontrava antagonismos entre a fé e a patria, o sentimento patriotico era e devia ser sagrado, constituindo como a essencia da propria religião.

Todavia, para certos portuguezes, quasi chega a ser um crime abrigar no coração o santo amor da patria, e mais ainda trabalhar convicta e denodadamente por ella... Como é triste e desolador ouvir phrases como estas, ou suas equivalentes.

Amor da patria?...

Quem póde hoje preoccupar-se com estas bagatelas anachronicas? O que é moderno, o que é scientifico, consiste em trabalhar em bem da humanidade!... O auctorisado Cameron, muitos outros viajeiros illustres, e determinados missionarios catholicos pensam assim, destacando-se da rotina e do vulgo...

Consideremos, porém, por um instante, as consequencias praticas que nos adviriam, d'este decantado cosmopolitismo humanitario!...

Portugal comparado com a humanidade está na mesma relação, que uma gotta de agua para o grande oceano. Essa gotta representativa do amor da patria, encorporando-se no nosso organismo, alimentando-se em nosso coração, circulando em nossas veias, dar-nos-ha o

movimento e a vida. Se, porém, a lançarmos no mar revolto das aventuras humanitarias, ou terá de evaporar-se ou será absorvida no abysmo da voragem.

Antes, pois, de sacrificarmos este resto de vida autonomica nas aras phantasiosas das utopias humanitarias do pretendido cosmopolitismo, meditemos seriamente nos perigos, que essa desassisada imprudencia nos acarretaria... Meditemos maduramente na gravissima inconveniencia, comprovada pelo exemplo apontado, de confiarmos a estrangeiros a formação do espirito e do coração dos futuros missionarios portuguezes.

*
* *

Se tal exemplo não basta, vejamos o que esses preconisados padres, tão forte e pertinazmente enraizados na provincia de Angola, têem feito no seminario diocesano, que, ha muitos annos, lhes fôra confiado. O documento é insuspeito. Encontra-se no proprio relatorio, objecto d'esta discussão (pag. 16): «Em Africa e na missão de Huilla existe o seminario diocesano, o qual em rasão da falta de vocações mais é um collegio de educação de que seminario. Consta que o rev. superior da missão muito desejaria ser dispensado de tal encargo, e parece que n'este sentido foram feitas communicações ao ex.$^{mo}$ prelado».

Pois este pretenso seminario, que fôra transferido de Loanda para Huilla, no tempo em que o em.$^{mo}$ cardeal patriarcha actual era bispo da diocese de Angola, não consta que tenha educado e produzido um unico sacerdote!...

Não obstante, todas as iras, todas as aggressões se voltam, desde longa data, contra o nosso seminario de Sernache!... Que não se diria por ahi, se os seus productos fossem iguaes aos do chamado seminario de Huilla?!...

Como, porém, estou resolvido a pulverisar todas as accusações gratuitas, que, por uma systematica campanha de descredito, se estão fazendo contra Sernache, para fins em demasia transparentes, vou contrapor-lhe um testemunho irrecusavel, que desnorteará, por completo, os declamadores praguentos e banaes.

O nosso actual embaixador em Roma, o sr. conselheiro Mártens Ferrão, relatando ao governo, em officio de 19 de dezembro de 1886, uma conferencia, que tivera com o Santo Padre Leão XIII, diz, que lhe prestára a seguinte informação, que ninguem ousará averbar de menos verdadeira, ou menos conscienciosa.

«Que nós tinhamos um seminario de missões ultramarinas, que tinha preparado muitos missionarios para a India e Africa. Dois dos

bispos agora propostos haviam ali sido educados, d'ali era o bispo de Macau, e na Africa estavam alguns missionarios distinctissimos, filho d'aquelle seminario, que o governo tratava de desenvolver mais.»

Quem quizer avaliar com justiça e imparcialidade os meritos, abnegação e serviços dos missionarios educados no collegio de Sernache, encontrará muitas e honrosissimas referencias nos discursos já citados, proferidos no parlamento, em 1887, pelo sr. conselheiro Barros Gomes.

Mas nos proprios *Boletins da Sociedade de Geographia* se encontram elementos, mais que sufficientes, para se julgar com exacto conhecimento de causa.

Eu não posso deixar de referir-me ainda ao benemerito missionario Marcellino Marques de Barros, nosso illustre consocio, o qual, durante dezesete annos, prestára relevantissimos serviços na Guiné, já apaziguando revoltas, em que o proprio governador perdêra a vida, já soccorrendo com a maior caridade e abnegação os infelizes enfermos, durante a terrivel epidemia da cholera morbus, que assolára aquella nossa possessão.

Pois, apesar d'estes e outros momentosos serviços, vim encontrar em Lisboa, em 1885, este modesto e intelligente missionario, bastante alquebrado de saude e de animo, pois que estava luctando com falta de recursos, para se alimentar e vestir, e reduzido ao mais deploravel abandono.

Este e outros factos analogos explicam bem as injustas allusões aos logares rendosos e interesses pecuniarios, que os nossos missionarios, ainda os mais zelosos, vem encontrar no continente!...

Impressionado com taes factos, para não lhe dar o nome de ingratidão revoltante, e informado devidamente dos merecimentos, serviços e aptidões, que distinguem este bom missionario, conseguira que no mesmo anno, em que eu tomára posse do meu cargo, elle entrasse no exercicio do magisterio no collegio de Sernache, em que fôra educado.

Dedicando-se com o maior desvelo ás sciencias naturaes, tem gasto todo o fructo das suas economias na compra de livros e outros objectos necessarios aos estudos da sua predilecção.

Não obstante, a sua idéa predominante é regressar á Guiné de que sente verdadeira nostalgia; e esta sua preoccupação de todos os dias mais se accentuára, quando, nos ultimos tempos, teve noticia da insubordinação de uma das mais importantes tribus, que elle conhece, e em que seguramente exerceria decisiva e efficaz influencia, já demonstrada em eras mais remotas.

Infelizmente, as suas modestissimas pretensões, affectas ainda a

resolução superior, não foram satisfeitas, como se nos afigura de utilidade que o fossem.

Poderia citar outros factos e outros exemplos; mas, para não me alongar, bastará um outro, que não deixa de ser tambem caracteristico. Diz respeito ao exemplar e apostolico missionario Sebastião Maria Apparicio da Silva, que, durante quinze annos, exercera o ministerio evangelico, com reconhecido proveito, nas terras interiores de Timor.

Mas não se contentára em circumscrever a sua acção perseverante a estes, aliás valiosos serviços; senão que emprehendera obra de maior vulto e de mais perduraveis effeitos. Dedicando-se com interesse e ardor ao estudo da lingua *tetum*, que é a predominante n'aquella região, publicou um cathecismo, que é o primeiro trabalho impresso n'essa lingua, e consagrou a sua obra ao seu prelado, o venerando bispo de Macau, que sempre o animára na sua utilissima empreza.

O seu zêlo, porém, que não conhece medidas, foi ainda mais longe; pois que na mesma lingua publicou tambem um importante diccionario...

Estimo muito ouvir dizer ao illustrado secretario da nossa Sociedade, que este diccionario fôra offertado á nossa bibliotheca; e certamente este proficiente trabalho não vale menos, que muitas outras communicações aqui feitas...

Estas duas obras, publicadas sob os auspicios e com o auxilio do benemerito bispo de Macau, foram impressas no respectivo seminario diocesano, onde se imprime tambem um jornal religioso intitulado a *Voz do Crente*.

Por esta fórma, o pessoal de Sernache, apesar de mal preparado e não obstante ter estudos incompletos, como assevera o relatorio, tem conseguido estabelecer e sustentar cinco jornaes em tres dioceses do oriente.

Com relação ainda ao diccionario da lingua *tetum*, que nos fins de 1885 estava em via de conclusão, dizia o digno bispo de Macau, que seria o mais relevante serviço feito ás nossas missões (*Annaes*, tomo I, pag. 101).

Poderia ainda acrescentar-se, que o serviço que póde tambem prestar a qualquer funccionario ou cidadão, que se estabelecer em Timor, não é de somenos importancia, nem de menor monta.

Sendo, porém, certo que a norma geralmente observada no nosso paiz é esta «quem mais produz menos merece», dizia eu já em abril de 1886, que estes relevantes serviços estão sendo mal comprehendidos e pessimamente galardoados. Os factos se encarregaram de confirmar esta verdadeira asserção.

Regressando ao reino, nos ultimos tempos, e tão pobre, como fôra, não encontrou este prestimoso missionario, nem logares rendosos, nem fartos meios pecuniarios, que o recompensassem de seus longos e valiosos trabalhos, e podessem servir-lhe de conforto na doença e na velhice. Veiu pedir ingresso n'uma congregação religiosa, para, despreoccupado do futuro, voltar a consagrar ao serviço das missões os dias que lhe restarem de vida.

Poderia mencionar muitos outros nomes de missionarios zelosos e distinctos, tarefa esta que tornaria demasiadamente prolixa esta exposição. Ahi ficam, portanto, os *Annaes das missões* para comprovarem a verdade das minhas affirmativas.

Limito-me, por isso, a certificar, sem receio de ser desmentido, que os missionarios, que se destinam e partem para o ultramar, vão todos animados do espirito de abnegação e de verdadeiro zêlo religioso e patriotico.

O que se torna mister senão indispensavel, é que aproveitemos estas excellentes disposições e magnificos predicados, e que, por uma fórma equitativa, cuidemos de garantir o futuro aos nossos missionarios, que assim podem consagrar a vida ao engrandecimento e regeneração do nosso dominio colonial, e que são os unicos em que verdadeiramente poderemos confiar.

O apregoado recurso á tutela estrangeira forneceria argumento concludente contra a nossa capacidade colonisadora, e serviria mesmo a justificar a espoliação e expropriação, que se pretende, das nossas invejadas possessões ultramarinas.

Tão grave e tremenda seria a responsabilidade, que d'ahi adviria, que eu não posso crer na possibilidade de se sanccionar um acto de tamanha loucura, como ainda recentemente tivera ensejo e motivo de ponderar.

«Se tal attentado, em verdade, fôra possivel, o mesmo importaria que obliterar os traços fulgurantes das nossas heroicas tradições, rasgar, pagina a pagina, o aureo livro de nossas glorias e epica grandeza, o mesmo importaria, que lavrarmos, por nossa propria mão, a sentença de nossa imbecilidade, assignarmos o diploma do nosso descredito, perante as nações cultas, e gravarmos, como triste legado ás gerações vindouras, o deprimente epitaphio, sellado pela perfidia e pela ignominia, de uma nacionalidade, que se extingue pelo suicidio!»

É por isso, que, sendo como são, as nossas colonias o penhor e esteio, em que se firma a nossa independencia nacional, eu considero mais temerosa, mais transcendente esta melindrosa questão, do que todas as questões economicas, do que essas mesmas questões dos credores estrangeiros, que tanto nos inquietam e assoberbam.

O velho e heroico Portugal tem ainda braço vigoroso, sangue, coração e alma, bastante nobres e generosos, para se libertar da tutela e do jugo estrangeiro, como a França, essa briosa nação, libertára tambem o seu territorio do pesado pé allemão.

*
* *

Mas, se nas colonias está a rasão de ser da nossa autonomia nacional, e se as missões catholicas são, por seu turno, o mais poderoso sustentaculo d'essas colonias, quaes deverão ser os meios praticos, para melhorarmos convenientemente os serviços missionarios, e para assegurarmos e integridade, soberania e civilisação d'essas mesmas colonias?

Todos esses meios, que consistem na organisação de institutos religiosos para a formação de mestras e de auxiliares profissionaes, e principalmente de missionarios congregados, tenho eu solicitado e proposto instantemente a differentes governos, desde o principio da minha administração, como se manifesta em muitos documentos officiaes publicados nos *Annaes das missões*.

E, se este não fôra pensamento e proposito meu, muito antigo, teria a franqueza e lealdade de vir aqui hoje apresental-o e definil-o; porque devemos ter todos a coragem das nossas opiniões, e a hombridade de traduzirmos, alto e claro, os dictames das nossas mais intimas convicções, sejam quaes forem as consequencias, que d'ahi possam derivar.

É por isso que eu pugno hoje, como pugnei sempre, no parlamento, na imprensa e nas estações officiaes, pela liberdade de associação religiosa. Desejo e quero essa liberdade, sem disfarces, sem subterfugios e sem sophismas, pelos meios legaes e canonicos.

Precisâmos mesmo nacionalisar e organisar congregações portuguezas e só portuguezas, conforme têem sido propostas por distinctissimos e auctorisados prelados nossos, antigos e modernos, em cujo animo a lição da experiencia arreigára e confirmára estas patrioticas convicções.

Quero a liberdade para todos os meus concidadãos, e quero-a sem restricções.

A liberdade com restricções conduz ao despotismo; e eu não quero o despotismo, ainda que exercido em beneficio meu.

Quero a liberdade sem excessos, porque uma tal liberdade degenera na licença desenfreada das multidões.

Abomino o despotismo de um só, e que se denomina tyrannia.

Abomino o despotismo de muitos, e que se denomina anarchia.

Desadoro todos os systemas de despotismo nas suas diversas manifestações.

Desejo a liberdade, na sua mais larga e generosa accepção: para os que pensam como eu, para os que pensam de modo diverso, para os que pensam de modo contrario.

Desejo a liberdade para os proprios inimigos da mesma liberdade, que se acercam d'esta arvore sublime, para feril-a em seu tronco e nas suas raizes, e que ella, bemfazeja e generosa, abriga com seus ramos frondosos, delicia com a fragancia de suas flores e alimenta com seus fructos abençoados.

Mas, a par d'esta ampla liberdade, e como justo correctivo d'ella, quero a maxima e effectiva responsabilidade.

Não sou apologista do systema preventivo, porque importa a negação da liberdade.

Prefiro, porém, o systema repressivo, porque é affirmação e garantia da mesma liberdade.

Quero ainda a liberdade que se exerce no justo equilibrio entre direitos e deveres correlativos.

Quero a liberdade que deriva do Evangelho e que se inspira no espirito da caridade e do amor fraterno.

Quero, finalmente, a liberdade prégada pela palavra e pelo exemplo de Jesus Christo, que supportára os horrores cruciantes do martyrio n'um patibulo infamante, mas para nos redimir, para nos libertar, fazendo pedaços as algemas e gargalheiras da escravidão.

Em taes condições e com taes seguranças, porque hesitarão os nossos legisladores em facultar de direito aos cidadãos portuguezes a liberdade de associação religiosa, já estabelecida de facto na metropole e nas mesmas colonias?!... Porque não havemos de nacionalisar e instituir uma ou mais congregações religiosas, constituidas na sua essencia por pessoal portuguez, consoante as necessidades imperiosas do serviço das missões do real padroado?!...

Se tal fizermos, como nos cumpre, por dever religioso e patriotico, procederemos em harmonia com os sabios ensinamentos, com as salutares e vivas exhortações, que o gloriosissimo Pontifice Leão XIII dirigira ao arcebispo de Colonia e a todo o episcopado allemão em data de 20 de abril de 1890.

N'este documento, inspirado no mais alto e prudente criterio, este Pontifice, verdadeiramente previdente, diz textual e terminantemente o seguinte:

«É nosso desejo que principalmente por vossa diligencia e pela dos outros bispos do imperio da Allemanha, com o concurso dos fieis, se

estabeleça um instituto onde os padres indigenas se preparem como convem ao ministerio das missões africanas, a exemplo do collegio fundado no reino da Belgica, onde são recolhidos todos aquelles que devem prégar o Evangelho na região do Congo.»

Acatemos, pois, fielmente e com animo agradecido estes sabios ensinamentos, estes salutares conselhos do inclito Pontifice da egreja universal, que com tino e previdencia admiravel está indicando a todos os povos o caminho seguro que devem trilhar, em harmonia com seus legitimos interesses e justas aspirações nacionaes. Obtemperemos a esse altissimo criterio, adoptemos esses prudentes exemplos, que aponta, e que tão conforme são ás instantes recommendações que não ha muito dirigira ao episcopado portuguez.

*
* *

E já que se indica o exemplo da Belgica, consideremos attentamente como esta intelligente e cautelosa nação está procedendo para defensão de seus direitos coloniaes.

Recorrerei a uma auctoridade insuspeita, que todos os dias está sendo invocada, e com justa rasão, pelos defensores das congregações religiosas. Refiro-me ao intelligente e circumspecto parlamentar o sr. Dantas Baracho, que na sessão da camara dos senhores deputados, de 7 de fevereiro ultimo, pediu com louvavel hombridade e convicção o restabelecimento das ordens religiosas para serviço das missões no ultramar.

A sua opinião franca e leal accentua-se desde logo n'estas palavras: «Eu comprehendo, sr. presidente, que se seja a favor ou contra as missões religiosas, que se tenha opinião definida e caracterisadamente fundamental sobre este assumpto. Mas o que não percebo é ser-se pelas missões, para que ellas sejam desempenhadas por frades estrangeiros». *(Apoiados.)*

Referindo-se em seguida aos frades e freiras, que a França tem mesmo de exportação, acrescenta, que lá os encontrou em Africa «espalhados por toda a parte, onde lhe admittem o ingresso, o que se lhes torna bem difficil nas colonias estrangeiras que não sejam as nossas. O proprio Estado Independente do Congo, de tão recente creação, trata de os sacudir, sob pretextos mais ou menos plausiveis, do seu territorio, substituindo-os pelos frades belgas. E seja-me licito perguntar: será possivel que estes exemplos tão significativos, tão caracteristicos, não produzam o devido ensinamento nos nossos homens publicos? *(Apoiados.)*

«Sr. presidente, eu tenho crenças, não vacillo em declaral-o. Mas não é encarando o problema sob esta feição, que eu peço a sua resolução immediata. As minhas instancias baseiam-se principalmente na urgencia que ha, em proveito do nosso dominio, de substituir nas nossas colonias as ordens religiosas estrangeiras pelas ordens nacionaes.» *(Apoiados.)*

Dissertando sobre os vastissimos territorios, que ainda hoje possuimos em Lunda, diz tambem: «Poder-se-ha avaliar devidamente como estes missionarios (francezes) favorecerão os nossos interesses, se tivermos em linha de conta que a França é, por tratado estatuido, a natural successora aos territorios do Estado Independente do Congo e que a Lunda portugueza confina com esse Estado. *(Apoiados.)*

«É por estes e outros factos não menos significativos, que eu peço frades, muitos frades portuguezes para a nossa Africa.» *(Apoiados.)*

Em um outro documento anterior, firmado pelo sr. Dantas Baracho na qualidade de commissario regio na provincia de Angola, e em que allude ao desenvolvimento das missões estrangeiras, assevera com a mesma orientação patriotica e prudente criterio: «Que ellas nos hostilisam com cautelosa prudencia, é certo, mas que nem por isso deixam de nos fazer o mal que podem. A este respeito não ha cá (na Africa) duas opiniões e bom seria que na metropole tambem as não houvesse».

A propria imprensa periodica tem-se vivamente preoccupado com esta momentosa questão, que tão profundamente affecta a nossa soberania colonial.

O *Commercio do Porto,* um dos jornaes mais antigos, mais serios e mais conceituados do paiz, no seu artigo editorial de 26 de março ultimo, revela as mais graves e fundadas apprehensões ácerca da noticia, que lhe fôra transmittida pelo seu correspondente do Zaire, de que as nossas missões de S. Salvador do Congo e Santo Antonio do Zaire vão ser entregues e administradas por padres francezes.

Na impossibilidade de reproduzirmos, na integra, as sensatas e judiciosas considerações contidas n'esse artigo e na correspondencia respectiva, fazemos os seguintes extractos, que servem a fundamentar e justificar as nossas asserções:

«Alanceiam-nos a alma de portuguez as informações que nos chegam do Zaire e que os leitores encontrarão n'outra secção do nosso jornal. Vemos, com a mais funda magua, que se trata de trucidar a nossa influencia religiosa nas regiões do Zaire, influencia que foi um

dos mais solidos esteios da dominação portugueza n'aquellas paragens.

«Ao missionario portuguez tenta-se substituir o missionario francez, que, apesar da identidade da lingua, foi excluido do proprio Estado Independente do Congo, para ser substituido pelo missionario belga.

«Muitas minas se iam rompendo, ha bastantes annos, para que a lingua portugueza não fosse o vehiculo da crença n'aquellas paragens; e agora vemos que, á falta de contraminas, a explosão se approxima, com grande perigo para a dominação portugueza em Africa.

«Em 1882, isto é, ha onze annos, n'um relatorio official dizia-se o seguinte, a proposito de um projecto de missões portuguezas no Zaire: «Deve tratar-se immediatamente da realisação d'este projecto, porque ha muitas e grandes vistas sobre o Zaire; e já por lá passeiam muitos olhos que vêem por conta alheia.

«O governo tem, pois, diante de si um dever patriotico a cumprir: vendo ameaçada, por um modo tão importante, a região portugueza do Zaire, não póde cruzar os braços ante os perigos que se nos apresentam.»

. . . . . .

«Com a influencia religiosa nos assentámos n'aquelles opulentos territorios, com essa base estabelecemos e alargámos ali o commercio; e hoje, ainda muito ali podemos, apesar de ruinas de templos, espalhadas por muita parte, traduzirem a nossa incuria e darem testemunho da nossa despreoccupação. É que a palavra do missionario portuguez não se calou inteiramente; ella tem mantido sempre acceso o fogo sagrado, tão solemnemente despertado ha uns poucos de seculos.

«Agora, porém, ameaça-nos a influencia dos missionarios francezes. Contra essa invasão nos insurgimos aqui, em nome da civilisação, que é preciso cimentar em Africa, e em nome dos interesses da patria, que na influencia religiosa tiveram sempre solido alicerce.

«O missionario francez está longe de poder prestar ali os serviços do missionario portuguez. Um distincto magistrado, que estudou o Congo sob variados aspectos, escrevia o seguinte, ha quatro annos, a proposito dos signaes do nosso passado, que foi encontrar em Santo Antonio de Pinda:

«Como me foi grato e melancolico notar o contraste da veneração e respeito em que é tida a memoria dos padres portuguezes, ausentes ha mais de cincoenta annos, em comparação do desdem com que são recebidos os francezes, que foram installar-se ali perto para explorar em seu proveito e da França aquellas boas disposições christãs! E elles installaram-se perto por terem sido repellidos pelos indigenas,

quando se apresentavam como padres catholicos a tomar conta do que restava do antigo culto!...»

Não é menos sentida, nem menos expressiva a linguagem do solicito e illustrado correspondente, contida nos seguintes e eloquentes periodos:

«Apesar de sabermos que ha mezes se trabalha para tal fim, não podemos acreditar que venha a realisar-se tão anti-patriotica idéa, que muito concorrerá para perdermos o prestigio que temos entre os indigenas, principalmente em S. Salvador do Congo.

«Estamos convencidos de que o sr. conselheiro Ferreira do Amaral, que tanto auxiliou o desenvolvimento d'aquella missão, quando foi governador geral da provincia, não consentirá agora que o fructo de tanto trabalho passe para padres estrangeiros. É certo que elles ensinam tambem a religião catholica, mas ensinam-a em francez e ao mesmo tempo vão procurando alcançar preponderancia no animo dos pretos, como têem feito em toda a parte, preponderancia que nós perderemos, á medida que elles se forem esquecendo da lingua portugueza.

«Ao passo que as outras nações coloniaes estão diligenciando por todos os modos augmentar o seu prestigio entre os indigenas, nós fazemos esforços por perder o que já temos, praticando actos tão insensatos como aquelle que está imminente. Os padres da congregação franceza querem ganhar no Congo portuguez o terreno que perderam no Congo Belga, onde tinham algumas missões, estabelecidas muitos annos antes da creação do Estado Independente do Congo, missões que o governo do Estado obrigou a retirar do seu territorio, certamente por julgar perigosa para a influencia do Estado a sua permanencia ali. Hoje no territorio do Estado Independente não ha uma unica missão franceza, onde aliás existiam missões importantes e que tinham custado muito dinheiro, como era, por exemplo, a de Boma. Os padres francezes foram substituidos por padres belgas, que já têem estabelecido algumas missões, tanto no baixo como no alto Congo. Nas missões belgas do baixo Congo, estabelecidas na Moanda e N'emelau (logares que ficam a pouca distancia de Banana) e em Boma e Mahabi ha escolas para rapazes e raparigas, sendo estas dirigidas por irmãs educadoras, que são tambem belgas.

«Emquanto que o governo do Estado assim procede, dando grande desenvolvimento ás suas missões, nós queremos acabar com as poucas que temos e que tanto dinheiro nos têem custado, entregando-as a padres estrngeiros.»

O importante jornal de Lisboa a *Tarde*, do dia 28 do mesmo mez de março, faz largas transcripções d'esses documentos, em que

se chama para este melindroso assumpto a attenção do nosso governo.

*
* *

Na verdade, estamos dando ao mundo um triste espectaculo de insensatez. Não permittimos legalmente aos sacerdotes e cidadãos portuguezes, que se associem em congregação, nem mesmo com o fim religioso e patriotico de diffundirem a luz do Evangelho e affirmarem a influencia e prestigio do nosso nome nos territorios sujeitos á nossa soberania!...

Invocando-se pretextos falsos e injustos preconceitos, nega-se esta legitima faculdade aos padres portuguezes, que innegavelmente são honestos, doceis, respeitadores da lei e da auctoridade, e sobretudo zelosos e dedicados á nossa patria!...

Entretanto, permitte-se, de facto, e até se applaude, que padres estrangeiros, ligados a diversas associações, e subordinados a superiores, tambem estrangeiros, invadam tumultuariamente e se estabeleçam não só na metropole, mas até nos nossos dominios de alem-mar, procurando mesmo esbulhar os missionarios portuguezes dos postos que ali occupam!...

Isto é tanto mais grave, quanto é certo, que das onze missões, estabelecidas já em territorio nosso, apenas se menciona, como superior de uma d'ellas, um unico sacerdote portuguez!...

Não menos grave é, que subditos estrangeiros, em menoscabo da lei fundamental do nosso paiz, estejam usufruindo prerogativas e regalias, que só competem a cidadãos e funccionarios portuguezes.

Como se isto não fôra bastante, aos largos subsidios e dotações acrescentam-se outros importantes beneficios, representados em transportes, isenção de direitos alfandegarios e outros, que não se mencionam, para apoucar talvez a nossa generosidade, para fazer jus a novos favores, ou ainda para esconder a sua illegitimidade...

Ha mais ainda digno de notar-se e admirar-se.

Promovem-se por ahi com frequencia concertos, saraus, kermesses e subscripções, em nome e á sombra da «missão ultramarina», e com muita propriedade a denominam «missão ultramarina», no singular, porque realmente exclue as missões ultramarinas, no plural, que para o demerito só têem a singularidade, como tudo quanto é nosso, de serem servidas por missionarios portuguezes!...

Pois imaginava alguem, que o producto d'esses apregoados concertos seria, ao menos, repartido pelos missionarios portuguezes, que, como vimos, padecem os horrores da fome nos sertões africanos, ou

chegam, moribundos, á metropole, perdendo a vida no duro catre do hospital!... Pura illusão!...

E por fim alardea-se, como supremo sarcasmo, que a caridade não tem patria, quando systematicamente se exclue a nossa dos seus generosos beneficios!... Pobre Portugal!...

O que, porém, se torna, mais que tudo, assombroso, chegando quasi a attingir as proporções de inverosimil, é o facto de terem já sido entregues a um padre francez os 10 contos de réis da subscripção nacional, conforme o attesta o proprio relatorio da sub-commissão africana (pag. 14).

Faz-se isto, sem o menor escrupulo, sem receio de responsabilidades, contra vontade expressa de quem contribuira, com o fim especial e determinado de favorecer os missionarios portuguezes, como poderá verificar-se em documento official, publicado nos *Annaes das missões*, tomo III, pag. 108.

Faz-se isto, sem se exigir a qualquer pessoa, que me conste, a menor responsabilidade, que, aliás, se impõe, severa e tremenda, ao funccionario portuguez, que não é menos honesto, e a quem, não obstante, se esmiuçam os orçamentos e se tomam contas rigorosas e documentadas. Eu não duvido, sem que tenha motivos fortes e evidentes, da probidade pessoal de ninguem; mas tambem não me parece, que haja motivo para duvidar da probidade dos que timbram em administar honradamente os haveres da nação, e cujos actos podem ter uma fiscalisação mais prompta, mais facil e efficaz.

Se fallo n'isto, é para não me afastar do processo dos confrontos, a que me provocaram. De bom grado, pois, acceitarei todos os confrontos, que forem justos e imparciaes.

N'estas condições, provado, como está, que Portugal tem sido generoso, em demasia, com os estrangeiros, a ponto de lhes conferir privilegios exclusivos, verdadeiros monopolios, para applicarem, como lhes aprouver, o dinheiro, que lhes confia, vejâmos como elles têem correspondido á nossa longanimidade, e quaes as compensações, que nos têem offertado, por divida de justiça e de gratidão, e até por motivo religioso da propagação da fé...

Sabe-se geralmente, que a associação franceza da propagação da fé levanta, todos os annos, de Portugal, desde tempos antigos, sommas importantes, computadas em muitos contos de réis, para dilatação da sua obra, que é identica á nossa; e diz o relatorio (pag. 44) que «sobem a mais de 1:200 contos de réis os subsidios com que a associação de Lyão contribue annualmente para a obra das missões catholicas».

Seria, pois, natural, legitimo, consentaneo mesmo ao seu fim principal e ostensivo, que, ao menos por excepção, comtemplasse algumas

ezes as missões e missionarios portuguezes, que em todos os tempos
têem esmerado em dilatar o imperio da cruz e diffundir a santa fé
tholica, como ninguem poderá contestar, em face da historia de a
erdade. Infelizmente, porém, dos registos do instituto, que dirijo,
ada consta, que atteste que algumas migalhas d'essas enormes quan-
as nos fossem distribuidas, ao menos, por descargo de consciencia,
u para não se dizer com fundamento, que essa partilha é de leão
*uia nominor leo.*

O que, sim, consta, é que, ha annos, foram instantemente solici-
adas indulgencias e graças espirituaes, identicas ás que disfructa a
ssociação de Lyon, e que não foram ainda concedidas, mas é de
sperar que o sejam, porque ha concordancia dos fins, a que, parece,
everá corresponder a necessaria concorrencia dos meios correlativos.

Agora, portanto, que se procura estabelecer nova esmola missiona-
ia no nosso paiz, torna-se mister, que sejâmos mais prudentes e pre-
avidos, para que se não converta em outro derivativo, e exclusivo
apanagio, em favor dos missionarios estrangeiros, que certamente lhe
dariam o mesmo rumo e o mesmo destino.

Precisâmos organisar as nossas forças, accentuar a nossa influencia
e robustecer a nossa acção missionaria, se é que aspirâmos seriamente
a conservar e desenvolver em Africa o nosso historico predominio.

Precisâmos habilitar-nos a imitar praticamente o exemplo de sabe-
doria e prudencia, que nos offerece a Belgica, conforme fôra sensata
patrioticamente ponderado na camara dos senhores deputados pelo
r. Dantas Baracho, com applauso geral dos illustres representantes
a nação portugueza.

Precisâmos urgentemente envidar todos os esforços da nossa acti-
idade, no sentido «de substituir, nas nossas colonias, as ordens reli-
iosas estrangeiras pelas ordens nacionaes», conforme nos é ainda
conselhado pelas instantes advertencias do mesmo illustrado e con-
ciencioso parlamentar.

*
* *

Mas, se este exemplo da Belgica não basta para precaver-nos, di-
am-nos a rasão por que procede da mesma fórma a França, que aliás
em outros e importantes recursos de defeza! ... Digam-nos e expli-
uem-nos o motivo por que os humildes frades franciscanos italianos
oram expulsos da Algeria pelo proprio cardeal francez Lavigerie,
ue os substituiu por frades da sua nação, que certamente não são
ais zelozos na propagação da fé catholica! ...

Digam-nos e expliquem-nos a rasão por que a Hespanha usa da

mesma prudente cautela, expungindo das celebres ilhas Carolinas todos os missionarios estrangeiros, a quem se promptifica a dar bizarramente todas as reclamadas indemnisações!...

Se fôra mister invocar exemplos da nossa casa, em tempos antigos, poderia adduzir factos, muito frisantes, relatados na *Chronica dos carmelitas descalços*, particular do reino de Portugal e provincia de S. Filippe, unica d'esta ordem no nosso paiz. Ahi se referem os graves motivos que determinaram el-rei D. João IV a banir para sempre do estado de Goa os carmelitas descalços italianos, que ali se haviam introduzido, durante a nefasta dominação de Castella, e que por tal fórma vexavam os frades portuguezes que chegaram a encarceral-os!...

Eu bem sei, que os apologistas dos missionarios estrangeiros nos estão já argumentando e até ameaçando com as estipulações da conferencia de Berlim, que, se permitte a liberdade de propaganda religiosa, não obriga, nem póde obrigar nenhuma nação a contribuir e sustentar a que for, ou possa ser hostil aos seus direitos de soberania. O exemplo da Belgica, da França, da Hespanha e de outras nações coloniaes ahi está para attestal-o.

Se, pois, a essas missões faltar o ponto de apoio da nossa influencia e auxilio, ellas terão de abandonar o terreno, que generosa, mas imprudentemente lhes outorgaramos.

Virão depois impertinentes questões de compensação e indemnisação, para rehavermos mesmo o que concederamos, tendo de pagar exageradamente, pelo quadruplo ou mais, o que era nosso.

Não phantasio, nem improviso. Argumento com factos, que são a exacta expressão da verdade.

Haja vista o que ainda recentemente aconteceu na diocese de Cochim. Havia e ha ali um edificio de insignificante valor, que fôra construido á custa de esmolas dos fieis.

A lista da respectiva subscripção não só foi vista, mas está em poder do dignissimo bispo actual de Damão, conforme, ainda ha pouco, me foi assegurado por este prelado fiel e patriotico, que n'estes qualificativos tem um dos seus mais sympathicos e brilhantes titulos de gloria e benemerencia, que o exalçam aos olhos do proprio chefe supremo da egreja de Christo, e o tornam bemquisto da nação portugueza.

Tendo sido superiormente resolvido, que aquelle edificio fosse entregue á jurisdicção do padroado, os missionarios estrangeiros exigiram, a titulo de indemnisação, que aliás não lhes era devida, a somma de 30:000 rupias (mais de 12 contos de réis), que receberam por ordem do governo portuguez. Não obstante, n'um bello dia ou talvez

escura noite, aproveitando-se da ausencia do nosso bispo, arrancaram as telhas e os proprios madeiramentos d'esse edificio, e tudo arrebataram e levaram comsigo!...

E por esta fórma se observam os preceitos da justiça e os mandamentos da lei de Deus!...

Em Africa acontecer-nos-ha o mesmo, ou ainda peior, sendo certo, que, quanto mais dermos, mais teremos que perder, ou pagar em capital e juros de juros, caso queiramos, como devemos, substituir as missões estrangeiras por missões nacionaes.

*
* *

Torna-se, portanto, de urgente e impreterivel necessidade o desenvolvimento do collegio de Sernache do Bom Jardim, que deve ser de facto, como é por lei, o ponto central, o nucleo, de que deverão irradiar-se outros institutos filiaes e analogos, quer na metropole, quer mesmo no ultramar, onde convirá estabelecer casas para sanitarios e estudos praticos das linguas do paiz.

As vocações não escasseiam, mercê de Deus, e ahi estão para attestal-o duzentos pretendentes, que com as maiores instancias pedem ingresso no collegio; e se a esta onda se desse corrente regular, como conviria, outras ondas, não menos numerosas, não menos impetuosas, se succederiam, como tenho fundadas rasões para acreditar.

Ainda assim, não se tendo realisado admissão alguma, ha dois annos, estando por isso incompleto o quadro dos alumnos, em rasão da carestia de todos os artigos de consumo e da diminuição da receita das inscripções, ainda assim, eu espero, apesar d'este estagnamento lamentavel, que o collegio terá produzido, no fim de dois annos, mais missionarios, do que produzíra durante os primeiros trinta annos, decorridos desde a sua instituição.

Que estes missionarios não são inaptos para dirigirem escolas de artes e officios e outros institutos profissionaes e de beneficencia provam-no as missões de Cochim, de Timor e de S. Thomé de Meliapor, como o demonstrarão todas as outras, em que dispozerem dos mesmos elementos e recursos.

Que as nossas missões podem ser secundadas por institutos religiosos de irmãs auxiliares, conforme fôra por mim reclamado, desde o principio da minha administração, dizem-no e provam-no ainda as missões de Macau e Timor, de Goa e Cochim, onde estão estabelecidas as religiosas Canossianas, com applauso geral, porque não só educam professoras indigenas, mas tambem porque se subordinam completamente á jurisdicção dos respectivos prelados diocesanos.

E tal é o escrupulo e justificado melindre, com que estes prelados procedem, que nas mesmas regiões em que não temos soberania politica, preferem estas religiosas ás que não se desligam nunca dos superiores estrangeiros, embora ostensivamente e *pro forma* acatem as auctoridades locaes legal e canonicamente constituidas.

Porque não havemos, pois, proceder em tudo com o mesmo escrupulo, com o mesmo melindre, com o mesmo patriotico e sensato criterio?!... Porque não havemos de derivar para o nosso collegio de missões a corrente de adhesões e beneficios, que injusta e inconvenientemente se encaminha sómente para os institutos estrangeiros?!...

Arguments-se, é verdade, com a urgencia de havermos pessoal numeroso para as missões... Mas qual é a congregação, ou quaes são as congregações, que têem de reserva e com promptidão o numero sufficiente de missionarios, que suppram todas as deficiencias, que existem na nossa Africa?!...

Se é preciso formal-os primeiro, formemol-os com elementos portuguezes, que, felizmente, não escasseiam.

Se querem frades, de preferencia, e desde já, ninguem ignora, que os temos portuguezes, numerosos e competentes, que poderão ser aproveitados. Que duvida ou reluctancia poderá haver n'isto, desde que empregâmos os estrangeiros?!...

Se é indispensavel crear ou restabelecer legalmente uma ou mais congregações missionarias, criem-se, restabeleçam-se, mas com pessoal portuguez.

N'este sentido têem opinado differentes prelados do ultramar, dos mais conspicuos em virtudes e sciencia.

Conhecemos já qual a opinião auctorisada, qual o correcto procedimento do apostolico e benemerito bispo de Macau.

É geralmente conhecida tambem a opinião do antigo arcebispo de Goa, o sabio e experimentado D. João Chrysostomo de Amorim Pessoa, que fôra primaz do Oriente e das Hespanhas, e que se finára, ainda não ha muito, mais acabrunhado pelo peso de fundos desgostos, do que dos seus longos e valiosos trabalhos pastoraes e apostolicos.

Sabendo pela dura lição da experiencia, melhor do que pela aturada lição da historia, quanto a acção dos estrangeiros tem sido funesta á nossa nação e ao padroado portuguez, indicava officialmente ao nosso governo a fundação de uma ordem religiosa para as missões do ultramar, expressando-se n'estes termos, fortemente adjectivados pelo sentimento patriotico: «*nós somos de parecer que essa ordem religiosa seja portugueza e só portugueza*».

Em abono d'estas auctorisadissimas opiniões e em confirmação das *minhas affirmativas*, citarei ainda alguns dos brilhantes periodos de

ma communicação, que o actual e prestigioso bispo de Himeria (Barroso) fizera em 1889 á nossa Sociedade de Geographia:

«Organisemos uma congregação ou um instituto de missões portuguezas; temos para isso um nucleo em Sernache do Bom Jardim... Póde acaso receiar-se a falta de vocações? Impossivel; pois os descendentes dos grandes missionarios que honraram este abençoado torrão, levando o seu nome a todos os pontos do globo, já não sentem o enthusiasmo do sacrificio pela sua religião e pela sua patria?

«Pois os descendentes dos que levaram á capital da China e ás costas do Japão a cruz com a alta astronomia e a imprensa, os descendentes dos que congregaram em aldeias, modelos de republicas, as tribus selvagens da America, não terão a coragem de ir implantar a santa cruz abençoada, nos sertões africanos, mais humildes e menos selvagens?

«Impossivel. Contra essa supposição protestam todos os dias os muitos pretendentes á entrada no collegio das missões. Contra isto protestam todos os meus collegas (missionarios) que estão promptos a passar a vida na Africa, quando não temerem morrer de fome na Europa. Contra isso protesta a nossa dignidade de nação colonial, habituada ás fadigas de alem-mar; contra isso protesta emfim toda a tradição da nação portugueza.» *(Annaes,* tomo III, pag. 99.)

Foi invocando essa gloriosa tradição, que eu, no ultimo congresso catholico de Braga, sustentára a conveniencia de se instituir uma congregação religiosa portugueza, destinada especialmente á evangelisação da India, sob o patrocinio do grande apostolo S. Francisco Xavier.

Foi ainda invocando e avivando a mesma tradição, que eu suscitára a idéa de se organisarem congregações missionarias destinadas á Africa, sob o patrocinio do nosso thaumaturgo e compatriota Santo Antonio de Lisboa, que, como religioso e missionario, constitue uma das nossas maiores glorias nacionaes. *(Chronica do segundo congresso catholico de Braga,* pag. 170, etc.)

Coherente com esta tradição e com esta idéa, eu pediria hoje tambem uma congregação para o collegio de Sernache do Bom Jardim, tendo por patrono o grande condestavel do reino, D. Nuno Alvares Pereira, se porventura tivera já culto em nossos altares, como anciosamente se espera.

Tal fôra, em verdade, o jubilo, o alvoroço e enthusiasmo, que produzira no animo dos bons habitantes da pittoresca aldeia de Sernache a simples noticia de se haver principiado a instaurar o processo canonico da beatificação do heroico e virtuoso condestavel, para, desde logo, se tratar de uma subscripção publica, a fim de opportunamente se erigir uma capella commemorativa, no proprio local, em que a tra-

dição aponta ainda os vestigios do solar, em que elle nascêra, e que hoje pertence ao collegio das missões.

Denomina-se esse local e o parque que o circumda, «o Bom Jardim», nome este, muito apropriado, que se communicára á contigua e formosa povoação de Sernache.

Foi n'este Bom Jardim, que se crê com todo o fundamento, que nascêra «o grande D. Nuno Alvares Pereira, primeiro condestavel d'estes reinos e unico restaurador da corôa de Portugal, pelo que meretissimamente lhe foi dado nome de *Pae da Patria*», conforme dissera Gaspar Dias de Landim, na sua chronica inedita, intitulada *O Infante D. Pedro*.

Foi n'esse abençoado torrão, que despontára e recebêra o primeiro raio de luz esse notavel e portuguezissimo Pereira, que se desentranhára em taes flores de heroismo e virtude, que produzíra taes e tantos fructos salutares de benção e de vida, que não consentira nunca, que em seu seio se inoculassem enxertos exoticos, como os não consentíra no coração da sua e nossa nação.

O interessante documento que vou citar, confirma e justifica plenamente as minhas apreciações.

N'um livrinho distribuido em 1874 pelo *Diario de noticias*, como brinde aos seus assignantes, vem publicada uma curiosa carta que o nosso grande santo e grande patriota D. Nuno Alvares Pereira dirigira ao dr. Fr. Affonso de Altama, vigario do mosteiro de Santa Maria de Moura, pedindo-lhe frades para povoar o seu convento do Carmo. Os eloquentos termos d'esta carta são textualmente os seguintes:

*Poderedes trager os frayres ata o numero que vos ante o tempo disse, e sejam bons e dos portuguezes de boa fé á patria.*

Foi por isso, que merecêra a justa denominação de *Pae da Patria*, que ainda poderá beneficiar com a influencia do seu nome e de sua santidade, com o exemplo pratico de suas virtudes civicas e christãs, com a memoria viva de suas tradições gloriosas.

Um tal patrono, pois, seria (e Deus permitta que o seja ainda em meus dias!) e deveria ser um escudo tutelar, que offerece segurança e garantia a todos os portuguezes, embora divididos em differentes opiniões e em diversas crenças, porque todas se resumem n'uma só crença, que é e deve ser o santo amor da patria!

*
* *

É por isso, que eu prefiro estes modelos antigos do velho e honrado Portugal, que devemos imitar, tomando-os por norma invariavel

de nossa conducta, na reforma dos costumes nacionaes e em todos os commettimentos civilisadores, que tendam a affirmar a nossa individualidade historica, e a rehabilitar-nos no conceito das nações cultas.

É por isso tambem, que devemos engeitar os modernos figurinos, provenientes do estrangeiro, que não só nos impõem a sua moda, mas até uma certa devoção, desusada, geralmente ficticia e artificiosa, talhada em moldes apparatosos e ajustada em conveniencias temporaes.

Para que, porém, as minhas palavras, as minhas idéas e as minhas proprias intenções, não sejam desvirtuadas, como têem sido, pretendendo-se attribuir-me outras, muito diversas e até diametralmente oppostas, mais uma vez affirmo e declaro, por uma fórma explicita, terminante e peremptoria: que as minhas apprehensões, as minhas duvidas, as minhas desconfianças e receios não são extensivos, nem comprehendem todos os estrangeiros indistincta e absolutamente.

Os que sinceramente se submetterem ás nossas leis e ás auctoridades constituidas; os que nos prestarem lealmente o valioso e apreciavel concurso de sua intelligencia e serviços; os que respeitarem as nossas crenças, os nossos costumes, as nossas tradições, os interesses da nossa nação e o socego de nossas familias; os que cooperarem comnosco com espirito pura e exclusivamente religioso, com coração limpo de malquerenças e sem pretenderem rebaixar-nos, nem espoliar-nos, todos elles serão por nós recebidos com estima, com respeito, com affecto e cordialidade de irmãos.

Os que, pelo contrario, tentarem deprimir o nosso clero, para se erguerem, altivos e dominadores, sobre as ruinas do nosso credito, e obterem assim prestigio e bens á custa e em detrimento da reputação alheia; os que amesquinharem as qualidades e serviços dos nossos missionarios, a fim de os desalojarem dos postos de honra, em que a religião e a patria os collocára, para satisfazerem o duplo fim da sua missão; os que vierem aqui prégar em favor da nossa nação, sentimentos patrioticos, que não têem, que não podem ter, que repugna mesmo que tenham, sob pena de serem tidos como renegados e traidores á sua patria, não offerecendo por isso a minima garantia de lealdade á nossa; os que, para captarem proventos e concessões vierem aqui proclamar, nas proprias secretarias d'estado, completa obediencia ás nossas auctoridades e ás nossas leis, mas que em Africa se dedignam de acceitar e reconhecer a jurisdicção dos bispos portuguezes, como demonstrarei com factos authenticos; os que, em summa, vierem para amesquinhar-nos, para nos explorar e illudir: = esses não podem merecer os nossos applausos, as nossas contemplações, o nosso apoio, nem as nossas sympathias.

A estes, e só a estes, são applicaveis os argumentos que acabámos de expender, e que vamos resumir.

Desejo que fiquem bem impressos no animo e na lembrança da illustre commissão africana, a quem não devo fazer a injuria de acreditar, que intentasse propositadamente illudir o paiz, assumindo, perante elle, tamanha responsabilidade.

Sei que esta commissão, na sua generalidade, é constituida por cavalheiros respeitaveis, alguns dos quaes me honram com a sua estima e amisade; assim como sei que, sendo portuguezes leaes, amam a sua patria, e desejam servil-a com zêlo e dedicação. Timbro sempre em ser justo para com todos.

Mas, se ha equivocos e illusões, é de necessidade, que se dissipem completamente, e que a luz da verdade transpareça, em todo o seu brilho.

*
* *

É por isso, que vou synthetisar os principaes argumentos, que determinam as minhas intimas e profundas convicções, e que, espero, encontrarão echo em todo o paiz, sendo acolhidos pela opinião sensata e imparcial.

Para nos convencermos da nefasta influencia estrangeira no nosso paiz, e sobretudo nas colonias, basta, em verdade, ponderar os argumentos adduzidos pelo relatorio, e concernentes aos perigos, provenientes da invasão protestante ingleza.

Esses argumentos são corroborados pelo brado do *Times*, que proclama: «que a Africa será de quem souber conquistar a sympathia do africano».

Como, porém, na phrase do mesmo relatorio, «a fome africana se apoderou das nações coloniaes», conclue-se que, debaixo do ponto de vista politico, corremos tambem o perigo de vermos devoradas as nossas possessões pela gula e pela cobiça da França e da Allemanha, que, como a Inglaterra, são insaciaveis tambem de territorios africanos.

O proprio «Mr. de Maistre» dissera: que quem obtiver a preponderancia religiosa de um paiz qualquer, terá segura a posse e dominio d'esse paiz: *Cujus religio, ejus regio.*

Já vêem, que não sou tão intransigente com os francezes, que não acceite o argumento d'este «monsieur» e de todos os «monsieurs» quando exprimem a verdade e a justiça...

Para a França colonial, portanto, a religião, longe de ser um fim, como cumpria que fosse, fóra dos limites dos seus territorios, é um

meio não só de dilatar a influencia da sua lingua, do seu nome e do seu prestigio politico, senão tambem de preparar e assegurar a posse de novos dominios. Serve a demonstral-o a conducta dos respectivos governos que, sendo classificados de impios e atheus, protegem, não obstante, e subsidiam com prodigalidade os missionarios de uma religião, que não professam.

A mesma associação franceza da propagação da fé, determinando se por motivos oppostos, procura tenazmente os mesmos resultados. Os factos e documentos que citáramos, servem a desvanecer toda a sombra de duvida.

A propria Escriptura Sagrada, que em muitos logares se preoccupa com o «alienigena», considera os estrangeiros como exploradores e espias, que procuram examinar os pontos indefensaveis das outras nações. (Gen. 42).

O testemunho da propria consciencia e o conhecimento do coração humano nos dizem, sem discrepancia, que é tão sagrada, tão justa, tão natural aquella biblica preoccupação, quanto é certo, que o amor da patria não se perde, nem diminue com a ausencia, antes mais e mais se afervora e acrysola, quanto mais distantes nos achâmos d'ella.

Sou, portanto, mais justo com os estrangeiros suppondo-os incapazes de renegarem a sua patria, do que os seus pretendidos defensores, que lhes infligem a maior injuria, a suprema affronta, julgando-os faceis e promptos em praticarem um acto indigno, qual o de trahirem os interesses do seu paiz natal...

As aptidões dos actuaes missionarios portuguezes, comprovadas por serviços effectivos, são tambem argumento para os acceitarmos de preferencia aos estrangeiros, que, segundo o testemunho da historia, nunca se avantajaram em zêlo e intelligencia aos nossos benemeritos missionarios.

A auctoridade irrecusavel e insuspeita de differentes prelados portuguezes, como são os apostolicos bispos de Macau e de Himeria, e do fallecido arcebispo, D. João Chrysostomo, que fôra duas vezes primaz, mais e mais nos confirma na verdade da nossa crença e na opportunidade da nossa opinião.

Ha, porém, uma auctoridade mais alta, mais persuasiva, do que todas as auctoridades, que existem sobre a terra, e perante a qual não é licito a ninguem deixar de curvar a fronte: é a auctoridade indiscutivel de Leão XIII!

Este sapientissimo pontifice, que a Providencia Divina collocára á frente da sua egreja, para com uma previdencia genial, com um tino assombroso, dirimir todas as questões, que possam, ao de leve, perturbar a paz e a tranquillidade das diversas nações, dirigira ha

annos a todo o episcopado allemão, na pessoa do venerando arcebispo de Colonia, uma viva exhortação para, com o concurso dos fieis, fundarem um instituto com padres indigenas, para serviço das respectivas missões no ultramar.

E n'este sentido apontára-lhes o exemplo do collegio instituido na Belgica, nas mesmas condições e com o mesmo fim.

É isto mesmo que desejâmos, é isto mesmo que pedimos.

Mas, porque desejo e peço o que deseja e recommenda o mestre de toda a verdade catholica, o chefe supremo da egreja universal, sou alcunhado de hereje e de impio!...

Se fôra licito comparar as cousas grandes com as pequenas, eu me daria por satisfeito e feliz na agradavel companhia de bispos tão respeitaveis e do proprio representante de Jesus Christo, que, como demonstrei, amára tambem a sua patria, com os mais vivos e entranhados extremos de affecto.

Creio, pois, que não póde ser bom christão quem não amar a sua patria, como o Divino Mestre nos ensinou e deu exemplo de amar a sua; sendo até este sentimento um titulo valioso de recommendação em favor dos que invocavam as suas graças (S. Luc. VII).

Os mesmos apostolos abundavam n'estes sentimentos; e tão religiosamente observavam na pratica estes ensinamentos divinos, que S. Paulo, apesar das injustiças dos seus concidadãos, nunca deixára de os amar.

Escudado, portanto, em exemplos tão frisantes e sublimes e em taes auctoridades, não receio que taxem de heretica a doutrina por mim expendida. Com esta segurança e com a consciencia de haver satisfeito fielmente um dever sagrado, que impendia rigorosamente sobre mim, vou terminar a serie de argumentos, em que fundamento a justa defensão da nossa patria.

*
* *

Asseveram os illustres relatores da sub-commissão africana, com aquelle tom de certeza tão caracteristico das suas affirmativas, ainda as mais gratuitas: que os missionarios estrangeiros têem sempre procurado a benevolencia das auctoridades portuguezas, reconhecendo-as (?) e sujeitando-se ás leis do paiz.

«E não só isso (affirmam ainda); elles têem dado ás suas missões um caracter inteiramente portuguez (?!), como o constatou na de Cassinga o valente major Arthur de Paiva em a sua narrativa da expedição ao Cubango, e como de Landana o confirmam todos (!) os conhecedores imparciaes. Um facto o demonstra bem claramente. Na

missão de Landana ha professor de portuguez pago pelo estado (!), que é um irmão da escola de Cintra, e uma professora da nossa lingua, na secção das irmãs, que é uma irmã do instituto de Carnide. E em instancia para iguaes providencias estão as missões de Luali e Cabinda.

«Assim é que quaesquer desconfianças de outros tempos podem dizer-se extinctas completamente.» *(Relatorio,* pag. 11 e 12).

Vejamos, porém, como estas asserções correspondem á verdade de factos authenticos e de documentos insuspeitos, que ninguem poderá averbar de parciaes.

Haverá approximadamente tres ou quatro annos, veiu a Lisboa um missionario francez, que era, e creio é ainda, superior da mencionada missão de Landana. Superfluo será dizer — porque é praxe constante — que certos compatriotas nossos o receberam, como em charola, com os mais freneticos applausos, com extraordinario enthusiasmo e com as mais expressivas demonstrações de jubilo e regosijo, que seriam desculpaveis e admissiveis, se assim fossem recebidos e tratados os nossos prestimosos mas desprezados missionarios...

Esses strenuos apologistas e denodados patronos entenderam, que seria uma obra meritoria, e porventura eminentemente patriotica, pedir e instar obstinadamente, perante os poderes publicos, para que esse estrangeiro fosse nomeado «superior temporal das missões do real padroado portuguez». Debatêra-se muito essa questão, reconhecendo-se a final, que tal nomeação seria uma grave inconveniencia, senão rematada loucura.

Em compensação foram-lhe generosamente satisfeitas importantes e enormes requisições, algumas até muito curiosas, como, por exemplo, romances de Camillo Castello Branco, vinhos do Porto, etc.

Para nada faltar, foram-lhe tambem fornecidos armamentos completos, que não consta fizessem parte da bagagem dos antigos missionarios portuguezes, nem mesmo dos modernos; e não obstante converteram e civilisaram os pretos, não a ferro e fogo, não derramando o sangue d'elles, mas vertendo o proprio pela causa de Deus e da patria!...

Mas, desistindo da analyse dos modernos processos de evangelisação, empreza que nos levaria muito longe, vejamos como o pretenso superior temporal das missões do real padroado correspondeu a tantos favores, logo que regressou a Loanda.

Instado a subordinar-se á jurisdicção do penultimo bispo de Angola, o actual coadjutor de Lamego, recusou-se terminantemente a acceitar e reconhecer essa jurisdicção!...

Não invento; porque isto consta de correspondencia official, não

só do referido bispo, senão tambem do governador geral da provincia de Angola. Repugnava-me acreditar na existencia d'estes factos; as duvidas, porém, tiveram de dissipar-se, perante a evidencia dos sentidos, perante a leitura d'esses dois officios...

Mas, apesar d'estas communicações officiaes, apesar de tudo, fez-se posteriormente nova requisição de 4:700$000 réis para transportes e promptamente foi abonada e satisfeita aquella quantia a esse missionario francez, emquanto se regateava ás nossas missões a insignificante verba de 80$000 réis.

Demonstrado, á saciedade, que os missionarios estrangeiros, a que nos referimos, não reconhecem as auctoridades portuguezas, senão para obterem a benevolencia d'ellas, apreciemos a outra affirmativa do relatorio: «que as suas missões têem o caracter inteiramente portuguez»...

N'este processo de investigação, deporá o proprio superior da missão de Landana, que ninguem poderá recusar, como suspeito.

O nosso distincto missionario e consocio, padre Barroso (hoje bispo e prelado de Moçambique), quando ultimamente residiu em Lisboa, traduziu do jornal francez *Le monde* um relatorio, aliás interessante e bem redigido, relativo á missão de Landana.

Logo no principio d'esse extenso documento se noticia e affirma o seguinte, que é digno de meditar-se para desengano dos illustres relatores e edificação do paiz.

«Quando um navio fundeia no porto de Landana, vêem-se logo rapazes pretos, vestidos de um largo panno, descer do morro, saltar em ligeiras embarcações e approximarem-se de passageiros e equipagem para lhes venderem legumes, flores e fructas.

«Fallam francez (!), e perguntando-se-lhes de onde vem e quem são, respondem que vem da missão catholica de Landana e que são pobres creanças selvagens resgatadas da escravatura pelos missionarios, e por elles educados no amor de Deus e da França...» (*Annaes das missões,* tomo III, pag. 12.)

Querem mais provas de que uma tal missão não é portugueza e «não tem o caracter inteiramente portuguez», que enganosamente lhe fôra attribuido?

O mesmo documento (a pag. 33), reportando-se a um celebre tratado entre um almirante francez e os indigenas, affirma e declara positiva e textualmente: «É em virtude d'este tratado e d'esta intervenção da marinha franceza que a missão de Landana foi sempre considerada depois como um estabelecimento francez, sem prejuizo, comtudo da suzerania portugueza...»

E é por esta fórma, que podem considerar-se «completamente ex-

tinctas quaesquer desconfianças de outros tempos», conforme affirmam os illustres relatores?!...

Attente n'isto bem a Sociedade de Geographia, e não deixem os poderes publicos e o paiz inteiro de ponderar as sérias consequencias, que poderão advir-nos d'estes factos, de summa importancia e transcendente gravidade!...

Se, por infelicidade nossa, se suscitarem novas questões, novas contrariedades, como as que tivemos n'essa região, por causa dos direitos da nossa soberania, nós teremos de ficar fatalmente supplantados.

Falta-nos a força material para nos defrontarmos pelas armas com as outras nações mais poderosas. Faltar-nos-ha tambem no futuro a força moral, que tem sido a nossa melhor arma, e que nos provinha da affeição, do prestigio e influencia, que exerciamos no animo dos indigenas.

Perdida essa força, que era a principal, senão unica garantia dos nossos direitos tradicionaes, que teremos a esperar da fidelidade e dedicação de subditos portuguezes educados no amor da França?!... Responda a consciencia publica.

Nada teremos tambem a esperar d'esses missionarios estrangeiros, que em Lisboa se dizem e inculcam portuguezes de coração e patriotas por adopção, mas que na Africa demonstram, em todos os seus actos, que são, como foram, como serão sempre, francezes intransigentes, patriotas acerrimos, fautores incondicionaes dos interesses politicos, ainda que pouco legitimos, das suas respectivas nações.

A lição da historia vem em confirmação dos factos contemporaneos e hodiernos, e servirá a justificar as nossas apprehensões emquanto ao futuro. «O que foi será», dissera um escriptor francez; e, debaixo do nosso ponto de vista, dil-o-ha o são criterio e o senso commum...

Se exigem ainda provas, para maiores desenganos, consultem-se os documentos relativos ao reconhecimento dos nossos direitos de soberania n'essas longinquas paragens, e ver-se-ha que os missionarios francezes de Landana, pela sua constante e obstinada hostilidade, foram o mais poderoso estorvo, que se levantára contra o reconhecimento d'esses direitos.

No interessante livro intitulado *Esboço historico do Congo e Loango*, cap. v, são estes eloquentes factos relatados pelo residente, que foi, de Cacongo, o intelligente, esclarecido e brioso militar José Emilio dos Santos e Silva.

Santos e Silva! Nome de gratissima, sagrada e inolvidavel memoria, que tão funda saudade me inspira, porque recorda um coração crente, um coração portuguez de lei, que tão permaturamente se finára,

e tanta falta faz ao nosso desditoso paiz, n'este solemne momento de angustia, em que parece ser já acto defeso e criminoso amar e propugnar pela nossa estremecida patria!...

Felizmente que esse nome, por tantos titulos venerando; felizmente que esse coração de oiro, que fôra sempre impulsado pelos mais nobres e levantados sentimentos; felizmente que renasce e revive nos filhos, que elle tanto amára, e que estão já demonstrando, que não renegam nem renegarão nunca a patria, que elle tambem amára com os mais puros e desinteressados affectos!

*
* *

Sr. presidente, vou terminar o meu desalinhado discurso.

Permitta-se-me, porém, que, antes de concluil-o, e para rapidas explicações, falle de mim, ainda que com extrema repugnancia, movido pelas graves rasões, que vou expor.

Para desauctorisar o que eu dissera na ultima sessão, para destruir e annullar o effeito das minhas palavras, inspiradas sempre no criterio da verdade e da justiça, e determinadas por profundas e antigas convicções, — certos jornalistas, muito conhecidos pelos seu retincto facciosismo anti-dynastico, apesar de se dizerem religiosos, que aliás nos recordam esses que provaram a paciencia do Divino Mestre, — insinuaram, mas não provaram, que eu deturpára os factos e calumniára os seus idolatrados estrangeiros...

Repugnam-me e repugnaram-me sempre todos os vis processos da calumnia, alem de outras rasões, obvias para quem preza o proprio decoro, porque tenho sido e estou sendo victima dos mais insidiosos aleives.

Comprometto-me, portanto, solemnemente, perante a Sociedade de Geographia e perante o paiz, a comprovar as minhas affirmativas com documentos insuspeitos e authenticos, que, desde já, peço sejam intercalados no meu discurso e publicados conjunctamente, em abono e confirmação d'essas minhas fundamentadas affirmativas. Não li, nem leio agora esses documentos, pelo motivo que já alleguei, de não querer protelar demasiadamente a discussão, e desejar ouvir os oradores inscriptos, para opportunamente lhes responder, se acaso impugnarem a minha argumentação.

Os que pretendem vãmente envenenar as minhas crenças, ainda as mais puras, as minhas intenções, ainda as mais rectas, os meus actos, ainda os mais evidentes, verão que as suas settas ervadas não attingem o alvo: como as de Philocteto, reverterão a cravar-se no *peito dos proprios*, que as despediram contra mim.

N'esta derrocada de fim de seculo, n'esta campanha ignobil de descredito, que tenta macular as reputações mais illibadas e inutilisar os que nunca pozeram a consciencia em almoeda, e se recusam com hombridade e independencia a vender a sua patria pelo preço infame dos trinta dinheiros, torna-se necessario que os homens publicos, a exemplo da mulher de Cesar, se esmerem, não só em serem, mas em parecerem tambem honestos.

É por isso, que estou disposto a arredar de mim todas as suspeições malevolas, com que a atra bilis da calumnia pretende conspurcar o meu caracter e desvirtuar os motivos, que me determinam a servir leal e honradamente o meu paiz.

Para conseguirem seus negros intentos, esses austeros juizes, que, pelas suas, aferem as consciencias alheias, julgam, mas felizmente com appellação e aggravo, que eu sómente me determino por ganancias mesquinhas e sordidos interesses, servindo dois cargos publicos, um dos quaes, prefeririam, fosse exercido por quem se tornasse maleavel, assegurando-se-lhe, n'este caso, maiores conveniencias, altissimas protecções e a glorificação do seu nome e renome...

Hoje, pois, sou accusado por isso, assim como seria accusado pelo motivo contrario. Se eu me recusasse a servir a minha religião e a minha patria, escondendo, debaixo do alqueire, os humildes talentos, de que tenho de dar estreitas contas ao supremo distribuidor de todos os dons, eu seria tambem accusado, e, d'esta vez, com justiça, por antepor ao meu dever a minha tranquillidade e bem-estar pessoal.

Creiam, porém, os que tanto se incommodam com os meus duplicados serviços, que, emquanto as minhas forças o comportarem, consagrarei todas as minhas faculdades ao importante serviço das nossas missões, quer esteja, quer não, á frente do respectivo instituto nacional.

Se os que desejam restringir a minha acção, imaginam, que me quedaria, indolente e silencioso, no recanto da nossa vetusta Sé, na contemplação extatica dos melhores cantores, que tanto embeveciam um dos nossos monarchas, ou que gastaria o meu tempo, a minha actividade e o meu espirito, absorvido completamente na discussão de questões bysantinas, emquanto a nossa patria e as nossas colonias estão sendo invadidas pelas hordas estrangeiras, se imaginam tal, repito, estão redondamente enganados.

Não estou resolvido a incorrer, e muito menos a merecer o epigramma de *inutil,* que o nosso Garrett applicára aos conegos, em phrase, embora humoristica, mas incisiva e geralmente injusta e immerecida.

Pela minha parte, não tenho estado ocioso, como o demonstram mais de trinta e dois annos de vida publica, o que infelizmente prova que estou velho, ainda que não tenho o sangue dessorado, felizmente, e muito menos contaminado por inoculações estranhas, que os independentes filhos da heroica provincia da Beira repellem energicamente, quando se torna mister, como o demonstra, mais do que a lição, a experiencia de outros tempos, de que resa a nossa antiga historia.

Durante esse já largo periodo de tempo, governei, por mais de doze annos, a diocese de Beja, a que me prendem ainda os laços da mais viva saudade e indelevel gratidão.

Posso invocar afoutamente, sem receio de desmentido, o testemunho dos meus antigos e prezados diocesanos, sem excepção alguma, porque todos sabem, que não vim de lá mais rico do que fôra.

Trouxe de lá, é verdade, uma unica riqueza, para mim inestimavel, que vale mais que todas as outras, qual é a riqueza e a felicidade, que resulta da consciencia de haver satisfeito leal e devotadamente o meu dever, salvando essa diocese da sentença de exterminio, a que estava votada, e que já pesava sobre ella.

Depois de uma larga vida publica, cortada por trabalhos e sacrificios, experimentada por actos de constante abnegação, de que hoje mesmo estou dando provas evidentes, é triste, que os menos competentes para erguerem a pedra contra alguem, venham accusar-me de pretender locupletar-me com interesses miseraveis, que nunca me preoccuparam. Estou hoje como estava no principio: conservo apenas, e não usufruo, o modesto patrimonio, que me legára meu honrado pae, sentindo sómente não possuir uma fortuna immensa, que podesse depor no altar da patria, para libertal-a completamente do pesado jugo estrangeiro.

Se tenho alguma ambição, é de não merecer ser contado no numero de «alguns portuguezes», que, como dissera o nosso epico:

> Negam o Rei, e a patria; e se convem,
> Negarão, como Pedro, o Deus que tem.

Digo isto, sem allusão, nem insinuação para ninguem, e como simples manifestação da minha aspiração individual.

Posso, pois, fallar de fronte erguida e cara descoberta! Posso dizer á Sociedade de Geographia e a todo o povo portuguez o mesmo que dissera a El-Rei, ha quasi tres annos, por occasião de uma questão identica, ou antes de uma questão, de que a actual é sequencia necessaria e natural:

«Tenho subido demasiado, para os meus merecimentos, na ordem hierarchica da Egreja de Christo, graças a Vossa Magestade, graças

a El-Rei o Senhor D. Luiz I, de saudosa e abençoada memoria, para que possa aspirar a elevar-me a mais altas dignidades, descendo a trahir a confiança do meu Rei e da minha patria! Não ha, em todo o mundo, preço que pague tamanha vileza! O proprio céu a condemna!

«As minhas legitimas e unicas aspirações são hoje, como foram hontem, como serão ámanhã, servir convicta e lealmente a nossa religião e nossa patria, consubstanciadas no mesmo affecto sagrado e sublime!»

E, quando estiver prestes a soar a hora derradeira d'esta vida transitoria, eu pedirei, em prece sentida e christã, que a Providencia Divina se amercie de mim, permittindo, depois do meu passamento, que os meus restos mortaes sejam sepultados em terra portugueza, ainda livre e autonoma; permittindo, que repousem e durmam o somno eterno, á sombra benefica do estandarte glorioso das quinas portuguezas, symbolo augusto da redempção e da patria; permittindo que o meu humilde nome seja gravado no granito nacional da minha campa, mas por mãos portuguezas, mas em caracteres portuguezes, mas na lingua portugueza!

Tenho dito.

# PROTESTO DOS PROFESSORES DO COLLEGIO DAS MISSÕES ULTRAMARINAS

Ex.^mo^ e rev.^mo^ sr. superior do collegio das missões ultramarinas.— Havendo a Sociedade de Geographia de Lisboa distribuido, impresso, um *Parecer e proposta* da commissão africana, approvado e adoptado pela referida commissão em sessão de 29 de março de 1892 (deve certamente ser 1893), relativamente ao desenvolvimento das missões de Angola, documento que, não podendo ser lido na ultima reunião da Sociedade, deverá ser apresentado na proxima segunda feira, 17 do corrente, segundo dizem os jornaes, o pessoal docente e dirigente do collegio das missões, visto achar-se v. ex.ª em Lisboa, pede o obsequio de não deixar v. ex.ª de comparecer na proxima reunião da referida Sociedade, e ahi, em nome do referido pessoal (dois dos seus membros são tambem membros da Sociedade de Geographia), emittir a opinião d'elle com algumas considerações sobre o assumpto do referido *Parecer,* nos pontos em que particularmente se refere a este collegio, e na idéa culminante que preside a todo aquelle documento.

Lendo o capitulo, em que os ex.^mos^ relatores do *Parecer,* se occupam da «remodelação pratica dos institutos de formação missionaria e do preenchimento de suas lacunas», vemos com magua, que a idéa predominante de todo o capitulo se dirige mais ou menos directamente á depreciação d'este collegio, como se nada de bom elle tenha e nada de bom haja feito.

«Não têem estudos completos, diz-se ali, pelo menos praticamente, e aqui temos uma prova. Afóra a personalidade singular, na esphera propriamente missionaria, do ex.^mo^ bispo prelado de Moçambique, quando aqui vinha á nossa Sociedade tomar parte em nossos trabalhos e fornecer-nos valiosas contribuições, os missionarios do collegio nada communicam á nossa Sociedade.»

Achâmos um pouco insolito este modo de apreciar os nossos serviços e os dos nossos missionarios! Com que então, para alguem ser tido na conta de bom missionario, mostrar que lhe foi ministrada boa

educação missionaria, e que d'ella soube aproveitar, é preciso ir submetter-se á prova oral ou escripta ante a Sociedade de Geographia, viver em communicação com ella, tomar parte nos seus trabalhos, discursar nas suas sessões, etc.!

Nós entendiamos que o dever do missionario era discursar e fallar, mas aos rebanhos confiados á sua evangelisação, prégar-lhes a fé, a civilisação, o amor a Deus e a Portugal, etc.

A Sociedade de Geographia não póde arrogar-se o direito de exigir communicações da parte dos missionarios, e muito menos aferir pela omissão de taes communicações o bom quilate dos serviços missionarios prestados. O missionario dirige os seus relatorios ao superior do collegio ou ao respectivo prelado; e por esta via elles sobem ás secretarias d'estado, quando é preciso. Dirija-se, pois, a Sociedade de Geographia a estas fontes, e logo encontrará do que deseja, e cuja omissão perante ella tão peregrino argumento lhe subministra de falta de *estudos completos* no nosso missionario.

Demais, o verdadeiro obreiro do Evangelho trabalha tendo por norma a modestia e a humildade, fazendo o bem, sim, mas sem alarde de prestimosos serviços; porque, se o Divino Mestre disse: *Luceat lux vestra coram hominibus, ut videant opera vestra bona,* é certo que com ardor igual prégou tambem: *Noli tuba canere ante te, sicut hypocritæ faciunt, in synagogis et in vicis, ut honorificentur ab hominibus.*

Mas passemos adiante. Os illustrados relatores, de certo para minorar a má impressão que deveria causar a sua affirmativa, e resalvar outras *personalidades singulares,* dizem em seguida: «Não se pense que esquecemos os illustres missionarios, hoje ex.$^{mos}$ bispos de Macau e de Cochim. Esses participaram da disciplina dos rev.$^{dos}$ padres jesuitas, quando dirigiram o collegio das missões, do qual ainda aproveitou as tradições o ex.$^{mo}$ prelado de Moçambique». (Esqueceu nomear aqui o ex.$^{mo}$ bispo de Meliapor, anterior no collegio ao ex.$^{mo}$ prelado de Moçambique e que, ou ainda participou da disciplina dos rev.$^{dos}$ padres jesuitas, ou pelo menos d'elles aproveitou certamente tradições mais recentes.)

«Esses fundaram as missões de Timor com pessoal do collegio das missões, e que ali têem feito bons serviços. Em Africa, porém, nada similhante existe. A mesma missão de S. Salvador vegeta por falta de todos os elementos missionarios, todos em Africa indispensaveis. A conclusão é que esse pessoal não vae preparado para a Africa...»

Ora, aqui parece-nos haver uma traiçoeira insinuação, e vem a ser que o pessoal dirigente d'este collegio desde ha bons vinte e dois annos a esta parte, que a tanto monta a saída dos rev.$^{dos}$ padres jesuitas, nada tem dirigido em bem, porque o pessoal missionario que manda

para a Africa *não vae preparado,* certamente (conclue-se) á falta de preparadores e inaptidão dos mesmos. Excepção feita (não esqueçamos) dos rev.$^{dos}$ padres jesuitas com suas subsequentes tradições, de que ainda teve a dita de aproveitar o ex.$^{mo}$ prelado de Moçambique (elle e só elle, ao que parece) não tem havido mais disciplinadores de geito, nem por consequencia disciplinados, salvo algum mais de educação *tradicional.*

As direcções transactas que agradeçam a amabilidade dos ex.$^{mos}$ relatores do *Parecer.* Pela nossa parte protestâmos maguados contra tal insinuação, como certamente protestarão comnosco tambem os cerca de cincoenta missionarios, filhos d'esta casa, que no momento actual evangelisam as nossas possessões ultramarinas, muitos d'elles com duplicado tempo de serviço que por lei lhes era exigido.

A verdade é esta, saibam-no os doutos membros da Sociedade de Geographia; o pessoal dirigente e docente do collegio, sem alardes, nem ostentações, nem reclamos, faz da sua parte o que póde nos coarctados limites que lhe impõe a lei que o governa. Se o missionario de Sernache não dá tanto como d'elle exigem, e muitas vezes haverá para elle tanto excesso de exigencia como de indulgencia para outros, não é do pessoal dirigente a culpa, nem tão pouco do pessoal dirigido. A culpa provém do *peccado de origem* da instituição. Queixem-se dos egisladores dos actuaes estatutos, deficientes para as exigencias actuaes da instituição missionaria; queixem-se da maneira como os nossos pobres missionarios são collocados nos seus postos. Sáe d'aqui o novo, chegâmos a chamar-lhe infeliz missionario; ouvido o voto dos seus cooperadores, o superior do collegio indigita-o para Timor ou Macau, segundo as aptidões e vocação de cada um (factor importante na collocação do missionario). E o que faz o governo? Atira com elle para Moçambique ou Angola, para ahi ser de novo arremessado sósinho e falto de experiencia do mundo, isolado e sem meios, sem auxilios e sem protecção, antes muitas vezes contrariado e perseguido pelas auctoridades locaes, para o interior de um sertão, para onde nunca pensára ir, guiado unicamente pela impulsão do acaso.

Um pobre missionario, saído ha pouco, escrevia da sua missão: «Pensei que iria para o Oriente e atiraram commigo para Angola; destinam-me para a bahia dos Tigres, e lançam-me em Porto Alexandre. Tenho trabalhado inutilmente para conseguir para aqui uma egreja, uma escola e uma residencia; não comprehendo a minha missão, nem d'ella me sei desempenhar sem estas cousas. Parocho e missionario de uma colonia europêa, sem ao menos uma capellinha para celebrar os officios divinos, professor sem escola, realmente não se comprehende».

Se a «missão de S. Salvador do Congo vegeta» não é por «falta de todos os elementos missionarios». (Se foramos em demasia meticulosos poderiamos ver n'este *todos,* duas vezes repetido, mais uma insinuação mal intencionada, mas não.) «Todos em Africa indispensaveis». A falta é, repetimos, de quem regula a collocação do missionario ao transpor pela ultima vez os umbraes do collegio, a que nenhum vinculo mais, ao menos praticamente, o prende; não attentam nas aptidões respectivas, o que não admira porque os não conhecem, mas sem que mesmo por isso peçam informações a quem as poderia dar, antes muitas vezes contrariam algumas que generosamente se dão. E assim mandam muitas vezes para governar quem porventura apenas tem o minimum de sufficiencia para ser governado.

Proceda-se de igual teor com qualquer outro missionario por mais conspicua e aprimorada que seja a sua educação missionaria, e a experiencia virá immediatamente demonstrar a improficuidade dos resultados obtidos.

As nossas missões de Timor progridem «com pessoal do collegio das missões, que ahi têem feito bons serviços»; e porque? Não é absolutamente porque os seus fundadores participassem da disciplina dos rev.$^{dos}$ padres jesuitas, mas porque ha ahi uma estação missionaria central, onde é recebido á sua chegada o novo missionario, onde encontra companheiros já experimentados que o illustram, onde recolhe de tempos a tempos a descansar das suas fadigas ou a curar-se das febres; de onde lhe vão para os varios pontos das missões filiaes todos os mantimentos e outros artigos de que precisam; uma estação missionaria que desfructa propriedades suas e tem rendas proprias. E todavia, como os proprios conspicuos relatores declaram, o pessoal d'estas missões é o mesmo, recebeu a mesma educação que o de todas as nossas outras missões, e notem os illustres relatores ainda que, contemporaneos dos primeiros missionarios que foram para Timor, educados na disciplina dos rev.$^{dos}$ padres jesuitas, que não unicamente *filhos de suas tradições,* foram para a Africa duas duzias de missionarios!!!

E já que nos vem fallar de jesuitas, saibam mais os conspicuos relatores que, fallando não ha muitos dias um professor d'esta casa com um venerando e douto padre jesuita, d'elle ouviu que «não lhe dessem tudo quanto ha para ir para a Africa nas condições em que vão os nossos missionarios, que nunca iria, ou preferia morrer antes de lá chegar». E a proposito de disciplina, vindo aqui ha dois annos dois dos rev.$^{dos}$ padres conferenciar nos exercicios espirituaes, que precedem a abertura das aulas, francamente o devemos crer que sem intuitos de lisonja, porque não peccam elles por isso, confessou um d'elles «que se a direcção lhes estivera confiada, não teriam feito mais

do que elle encontrava no collegio, attentos os recursos disponiveis, segundo a letra dos nossos regulamentos». Relevem-nos os rev.$^{dos}$ padres a indiscrição que commettemos, e a invocação que fazemos do seu valioso e auctorisado testemunho.

Com relação ao «outro grave *senão* d'esta instituição: os seus missionarios fazem em geral um estagio de seis annos regulamentares, ou menos se póde ser, para virem aportar ás paragens dos pretendentes a situações mais lisonjeiras no reino», muito e muito havia que dizer... Mas sempre desejavamos que os illustres relatores nos dissessem que gordas prebendas estão desfructando os missionarios regressantes, não obstante a letra do artigo 95.º dos actuaes estatutos! Mas emfim, os interessados ou calumniados que reclamem ou protestem como melhor lhes pareça de sua justiça.

Mas ah! Ao menos por alguns que porventura não poderão defender-se, e que missionaram exactamente na nossa Africa, e cujos serviços os auctores do *Parecer* classificam com um *nada*, por esses sempre diremos que as «lisonjeiras situações» que vieram pretender ao reino reduziram-se á humilde petição de ingresso n'uma congregação religiosa. E basta.

Agora, feitas á pressa estas considerações, e exarado o nosso protesto, filho da magua que nos dilacera a alma, e não do despeito pelo amor proprio offendido, não podemos deixar de fazer sentir que é sempre feio deprimir sem contemplações, aliás merecidas, uma instituição e os homens d'ella, no intuito, ao que parece deliberado, de exaltar outras instituições e outros homens.

Ha logar para todos, meus senhores, porque a vinha do Grande Pae de familias é immensa, disse-o o nosso Grande Mestre, o Grande Chefe de todos os missionarios passados, presentes e futuros: *Messis quidem multa, operarii autem pauci.*

Passando agora á apreciação da idéa predominante do *Parecer e proposta* da commissão africana da Sociedade de Geographia, compete-nos declarar ante a mesma commissão africana e toda a Sociedade de Geographia, ante o paiz e o mundo catholico que de bom grado acceitâmos em these as *Conclusões* do referido *Parecer*.

Queremos e pugnâmos, sem cedermos a dianteira a ninguem, pelas missões bem organisadas. E temos a franqueza, a hombriedade, a coragem levada até ao desprendimento, o valor emfim, para proclamarmos bem alto que sem congregações religiosas ou institutos verdadeiramente equivalentes não póde haver missões. É esta a nossa orientação missionaria. Queremos e anhelâmos pelo missionario regular na Africa e em todas as nossas possessões, no reino e junto de nós, sob o abrigo emfim dos mesmos tectos.

E como satisfação, e ultimo e unico desforço a exigir, ante os que redigiram e approvaram o *Parecer* a que nos temos referido, como reparação, emfim, da magua que nos causaram, uma unica cousa temos a pedir, que nos deixem em paz no desempenho da nossa bem ardua e espinhosa missão, bem pouco invejavel por certo, que nos facilitem os meios de bem corresponderm os ás necessidades das nossas missões, e que a esgrimirem armas seja, porque as têem e de fina tempera, contra o preconceito dos nossos governos e dos nossos estadistas, que não se atrevem a acabar de vez com o celebre decreto, que vigora na legislação do paiz, e que um impeto de colera e paixão dictára, mas que priva o bom povo portuguez do beneficio da associação religiosa, hoje que para tudo ha e se apregoa a maxima liberdade.

Sim, falta-nos, e por isso a pedimos, a liberdade da associação religiosa.

E d'esta falta procede a insufficiencia das nossas missões, a decadencia das nossas colonias, e o desprestigio do nosso poderio. Porque, entendamo-nos, nós queremos o missionario regular, mas somos de parecer que para manter com firmeza o nosso prestigio no ultramar é de alta conveniencia, se não absolutamente necessario, como a experiencia tem demonstrado, que o evangelisador de nossas colonias seja portuguez. Tenha-se em vista que, segundo informações recentes recebidas do Zaire e publicadas nos jornaes: «O missionario francez, apesar da identidade da lingua (o que não é para desprezar), foi excluido do proprio Estado Independente do Congo».

Seria com receio da influencia franceza n'aquellas paragens? E quem nos diz que a mesma França, por um lado, e a Allemanha pelo outro, não terão as suas vistas tambem sobre a nossa provincia de Angola, como a Inglaterra teve e levou a cabo na provincia de Moçambique, invadida primeiro pelos seus missionarios?

*Qui habet aures audiendi, audiat.*

Desculpe v. ex.ª esta nossa exposição de idéas e de factos que pelo apertado do tempo rapida e desconnexamente coordenámos para remetter a v. ex.ª

Somos com toda a consideração, de v. ex.ª muito respeitadores. Collegio das missões ultramarinas, em Sernache do Bomjardim, 14 de abril de 1893. = *Joaquim Ignacio* = *Nestor Augusto de Castilho* = *Marcellino Marques de Barros* = *Antonio Rodrigues de Matos e Silva* = *Antonio Fernandes da Silva Martins* = *José Antonio Pires* = *Sebastião José Pereira* = *Matheus de Oliveira Xavier* = *José Bento Martins Ribeiro* = *Joaquim Maria Quintão.*

BV 3625 .A6 .B6 C.1
Missoes e missionarios portugu
Stanford University Libraries
3 6105 036 504 863

BV
3625
.A6.B6

DATE DUE